

Os estágios curriculares e o seu impacto na empregabilidade dos licenciados

Gonçalo Paiva Dias, Ana Isabel Melo, Betina Lopes, Dina Seabra, Elisabeth Brito, Marco Costa, Patrícia Silva

Universidade de Aveiro, 2015



Título

Os Estágios Curriculares e o seu Impacto na Empregabilidade dos Licenciados

Autores

Gonçalo Paiva Dias
Ana Isabel Melo
Betina Lopes
Dina Seabra
Elisabeth Brito
Marco Costa
Patrícia Silva

Editora

UA Editora
Universidade de Aveiro
Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia

1ª edição – março de 2015

Impressão

Artipol – Artes Tipográficas, Lda

Tiragem

100 exemplares

Depósito legal

390409/15

ISBN

978-972-789-443-7

Catálogo recomendada

Os estágios curriculares e o seu impacto na empregabilidade dos licenciados / Gonçalo Paiva Dias...[et al.]. - Aveiro: UA Editora, 2015. - V, 66 p.: il. color.

ISBN 978-972-789-443-7 (brochado)

Ensino superior // Estágios curriculares // Licenciados - Portugal // Empregabilidade

CDU 378(469)

Conteúdo

1. Introdução	1
2. Enquadramento.....	5
3. Metodologia	9
4. Estágios e empregabilidade: o que dizem os números	17
4.1. Impacto dos estágios.....	17
4.2. Subsistema e tipo de instituição.....	20
4.3. Natureza e formato dos estágios	22
5. Estágios e empregabilidade: a visão dos <i>stakeholders</i>	27
5.1. Integração de estágios nos <i>curricula</i>	28
5.2. Organização e implementação.....	32
5.3. <i>Outputs</i> e <i>outcomes</i>	43
6. Conclusões e recomendações	47
Referências.....	53
Anexos	59

Índice de tabelas

Tabela 1 - Exemplos de características pessoais e competências transversais consideradas determinantes para a empregabilidade de um diplomado'	7
Tabela 2 - Características dos estágios curriculares (valores em %) dos 556 ciclos de estudo com pelo menos um estágio curricular	14
Tabela 3 – Codificação das Instituições de Ensino colaboradoras no estudo	15
Tabela 4 - Determinantes das taxas de desemprego de licenciados, coeficientes de regressão estandardizados (ou padronizados).....	19
Tabela 5 - Determinantes das taxas de desemprego de licenciados, coeficientes de regressão estandardizados	21
Tabela 6 - Estrutura dos estágios e o desemprego de licenciados de instituições de ensino superior politécnico, coeficientes de regressão estandardizados	23
Tabela 7 - Vantagens dos estágios curriculares para os estudantes enquanto motivação intrínseca para a sua integração nos curricula	29
Tabela 8 - Fatores de motivação extrínseca para integração dos estágios nos curricula.....	32
Tabela 9 – Características globais dos estágios curriculares	33
Tabela 10 - A escolha pelo estágio - relatos de alguns estudantes	35
Tabela 11 – Exemplos de estratégias adotadas perante desafios/problemas associadas à implementação dos estágios	39
Tabela 12 - Implementação de Estágios Curriculares: áreas-chave para reflexão e intervenção futura	40
Tabela 13 – Avaliação do impacto dos estágios curriculares: outputs positivos.....	43

Índice de Figuras

Figura 1 - Licenciaturas em Portugal, por subsistema de ensino e por tipologia de instituição de ensino superior, com dados do desemprego registado no IEFP em junho de 2013.....	12
Figura 2 – Licenciaturas com pelo um estágio curricular, por subsistema de ensino e por tipologia de instituição de ensino superior, com dados do desemprego registado no IEFP em junho de 2013.....	13
Figura 3 - Os estágios curriculares e a empregabilidade dos licenciados – visão holística	28
Figura 4 - Os estágios curriculares como ferramenta de inovação para as instituições supervisoras, visão dos profissionais académicos	31
Figura 5 – Modalidades distintas de alocação dos estudantes ao local de estágio	41

1. Introdução

Em Portugal, de acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), a taxa de desemprego entre os jovens, no primeiro trimestre de 2013, foi de 42,1 por cento. Embora esta taxa seja inferior entre os licenciados é, no entanto, preocupante, uma vez que tem vindo a aumentar concomitantemente com a visibilidade social do desemprego neste grupo de jovens. Desta forma, poderá contribuir, a prazo, para diminuir a população escolar e o número de candidatos ao ensino superior, dificultando o necessário aumento da qualificação dos jovens, com prejuízos ao nível do desenvolvimento do país.

Como forma de contribuir para a empregabilidade dos seus diplomados, várias instituições de ensino superior (IES) têm introduzido estágios curriculares nas suas licenciaturas. No entanto, antes deste estudo, não era conhecido o impacto concreto destas medidas. Assim, tornava-se importante, estudar o impacto da existência de estágios curriculares na empregabilidade dos licenciados, e desta forma, contribuir, por um lado, para consolidar e desenvolver políticas públicas para o ensino superior e, por outro lado, para demonstrar a relevância dos estágios para a empregabilidade dos jovens diplomados.

Essas foram as principais motivações para o desenvolvimento do estudo que se apresenta neste documento. Os objetivos delineados são os seguintes:

1. identificar, a nível nacional, as licenciaturas que integram estágios nos seus planos curriculares;
2. caracterizar essas licenciaturas em termos de distribuição geográfica, número de estudantes, área de formação e subsistema de ensino superior;
3. estudar os motivos que levam à integração dos estágios nos *curricula*, explorando um grupo específico de IES e respetivas licenciaturas;
4. comparar as taxas de empregabilidade de licenciaturas que incluam ou não estágios curriculares, no geral e considerando os

diferentes subsistemas de ensino superior (universitário e politécnico), tipo de instituições (públicas e privadas), natureza do estágio (facultativo ou obrigatório) e formato do estágio (único ou faseado);

5. explorar o impacto dos estágios curriculares (*outputs* e *outcomes*), e respetiva heterogeneidade, no acesso ao mercado de trabalho;
6. identificar práticas de referência na organização e implementação dos estágios curriculares.

A decisão de publicar o presente estudo deveu-se ao entendimento de que os resultados obtidos seriam úteis para as IES na formulação das suas políticas, tanto ao nível do enquadramento geral da formação como ao nível da estrutura e gestão de cada um dos seus ciclos de estudos, nomeadamente no que respeita à introdução nos mesmos de estágios ou de componentes de formação em contexto de trabalho. Para essa decisão contribuiu, ainda, o entendimento de que o estudo poderia ser relevante para informação da opinião pública e dos decisores políticos.

O presente documento está organizado em seis capítulos, incluindo o presente capítulo de introdução. No segundo capítulo é apresentado o enquadramento teórico do estudo, com a exposição de uma resenha das principais abordagens científicas ao tema aos níveis nacional e internacional. No terceiro capítulo, é descrita a metodologia utilizada, sendo explanados os métodos de recolha e análise de dados utilizados e a lógica e sequência da sua aplicação.

No quarto capítulo é avaliado o impacto da existência de estágios curriculares na empregabilidade dos licenciados, primeiro de uma forma global e depois por subsistema de ensino superior e tipo de instituição. São ainda apresentados e discutidos os resultados relacionados com o impacto da natureza e formato dos estágios na empregabilidade.

O quinto capítulo foca-se na visão dos *stakeholders*. O mesmo é organizado de acordo com as três dimensões de análise que resultaram das entrevistas e *focus groups* realizados: conceptualização dos estágios e sua integração nos planos de estudos das licenciaturas; operacionalização e implementação dos estágios; e avaliação do impacto dos estágios.

No sexto e último capítulo são apresentadas as conclusões, sendo discutida a importância dos resultados obtidos na formulação de políticas públicas de ensino superior e dadas algumas recomendações.

A investigação subjacente ao presente estudo foi realizada ao longo de dezasseis meses, entre dezembro de 2013 e março de 2015, tendo sido financiada pelo Programa Operacional de Assistência Técnica (POAT) do Fundo Social Europeu (FSE), no âmbito do Quadro de Referência Estratégica Nacional (QREN), através do projeto “Impacto dos estágios curriculares na empregabilidade dos licenciados” (Projeto n.º 000779402013). O trabalho foi desenvolvido por uma equipa da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda da Universidade de Aveiro.

No presente estudo estiveram envolvidos, enquanto respondentes, atores chave de várias IES, universitárias e politécnicas, públicas e privadas. Por questões metodológicas, esses atores e essas instituições não são identificados no estudo, garantindo-se, deste modo, o seu anonimato. Ressalte-se, contudo, que o estudo não teria sido possível sem a sua colaboração, que muito se agradece.

2. Enquadramento

A inserção dos recém-licenciados no mercado de trabalho tem sido amplamente debatida ao nível político e académico (Comissão Europeia, 2014; Teichler, 2009; Marques, 2010), fruto não só de uma preocupação crescente com o (des)emprego dos licenciados (Jackson, 2014), mas também da generalização dos processos de avaliação da qualidade do ensino superior (Amaral & Carvalho, 2003).

Neste contexto, as IES têm apostado cada vez mais na conceptualização e implementação de mecanismos facilitadores da obtenção do primeiro emprego pelos seus diplomados (Burke & Johnstone, 2004; Alves, 2010). A introdução de estágios curriculares nos planos de estudos das licenciaturas parece corresponder a este esforço (Brennan & Little, 2006). Com efeito, não são negligenciáveis os efeitos potencialmente positivos dos estágios curriculares ao nível do ensino superior.

Por um lado, os estágios curriculares permitem minimizar o “choque de inserção” no mundo laboral, o que pode contribuir para uma maior autoestima dos graduados e também para uma postura mais pró-ativa na procura de emprego (Paulson & Baker, 1999). Funcionam, assim, como o primeiro contacto com o mundo laboral, permitindo aos estudantes conhecer melhor as entidades empregadoras onde podem, potencialmente, apresentar uma candidatura futura (Alves, 2010; Allen, 2011; Alpert, Heaney & Kuhn, 2009). Adicionalmente, os estágios curriculares permitem a aplicação dos conhecimentos adquiridos pelos estudantes ao longo da licenciatura num contexto real de trabalho, possibilitando a clarificação e ampliação dos mesmos, o que poderá ser determinante para a aquisição de competências específicas fulcrais para um desempenho profissional de (maior) qualidade (Knemeyer & Murphy, 2002).

Por fim, os estágios curriculares potenciam o desenvolvimento de competências genéricas e de qualidades pessoais (Yorke & Knight, 2006), que são consideradas requisitos para uma maior empregabilidade (‘employability’), na perspetiva de aptidão profissional (‘work readiness’)

dos diplomados (Daniels & Brooker 2014; Harvey, 2001). Na Tabela 1 identificam-se algumas das principais características pessoais e competências transversais consideradas como elementos determinantes para a empregabilidade enquanto aptidão dos diplomados, e que seja expectável contribuir para a empregabilidade enquanto acesso ‘efetivo’ a um emprego (‘employment’).

Apesar de se reconhecer que os estágios curriculares tendem a ser oportunidades de aprendizagem positivas no percurso profissional de um diplomado, muito existe por explorar para uma compreensão mais sustentada do seu efeito no acesso ao mercado de trabalho (Gault, Leach & Duey, 2010; Matthews, Taylor & Ellis, 2012; Wilton, 2012)

Em primeiro lugar, os resultados apresentam uma visão dispersa da problemática, na medida em que os estudos desta área são, na maioria dos casos, investigações de natureza qualitativa que envolveram (apenas) a recolha de dados de contextos circunscritos, nomeadamente de uma área específica (ver, por exemplo, Alpert et al., 2009), ou de um curso/ IES em particular (Orrel, 2004), sem cruzarem as evidências obtidas com uma perspetiva mais alargada, incluindo, por exemplo, evidências de âmbito nacional. Para além disso, os estudos realizados até à data referem-se a um contexto temporal pré-Bolonha (ver, por exemplo, os estudos de Blackwell, Bowes & Harvey, 2001; Bowes & Harvey, 1999; Harvey, 2001). Atendendo a que já se formaram diplomados com licenciaturas ‘Bolonha’ e que, teoricamente, já começaram a integrar o mercado do trabalho num passado recente, impõe-se a verificação empírica do sucesso das reformas curriculares introduzidas na promoção da empregabilidade dos licenciados (Teichler, 2011).

Em segundo lugar, a maioria dos estudos foca-se na experiência de estágio por si só, não tendo em conta a sua integração nos planos de estudos da licenciatura. No entanto, princípios pedagógicos associados às principais teorias de aprendizagem¹ defendem que a eficiência das experiências de

¹ A título ilustrativo podem ser evocadas as seguintes teorias de aprendizagem: Modelo do Desenvolvimento Cognitivo de Bruner (1961); Aprendizagem por Modelação segundo

aprendizagem está dependente da forma como as mesmas são organizadas atendendo ao percurso individual de cada estudante.

Tabela 1 - Exemplos de características pessoais e competências transversais determinantes para a empregabilidade de um diplomado^{2,3}

Características Pessoais
<ul style="list-style-type: none">• autoconhecimento e autoconfiança: a consciência das próprias capacidades (assim como das próprias limitações) aumenta a confiança no desenvolvimento de tarefas específicas e na superação de incertezas;• flexibilidade e adaptabilidade: disposição em abraçar novos desafios e realizar adaptações na postura profissional, assim como na realização de tarefas específicas, se necessário;• reflexividade: disposição para refletir sobre a experiência, eliciando novos significados e novas aprendizagens de forma a superar com maior eficácia desafios futuros;• sensibilidade à cultura do local de trabalho: ser capaz de perceber as particularidades associadas às entidades empregadoras e respetivos contextos de trabalho e adotar uma postura profissional adequada.
Competências Transversais
<ul style="list-style-type: none">• planificar e tomar decisões: a capacidade de planear exige a identificação de objetivos concretos e a priorização das tarefas de acordo com os mesmos, atendendo às imposições de gestão temporal;• resolver problemas: capacidade de conceber e alcançar um conjunto de estratégias de trabalho cuja execução permita a resolução de problemas específicos;• trabalhar em equipa: capacidade de trabalhar em equipa de forma construtiva, no sentido de alcançar objetivos comuns;• comunicar: capacidade em se fazer entender de forma clara e unívoca, na oralidade e também na escrita. Ser capaz de ouvir os outros e identificar ideias chave.

Bandura (1977); Modelo de Aprendizagem Experiencial de Dewey (1938); Teoria do Desenvolvimento Social de Vygotsky (1978)

² A classificação e sistematização do tipo de aptidões adquiridas pelos estudantes durante o estágio é diversa e por vezes sobreposta (Comissão Europeia, 2014), o que dificulta a comparação dos resultados de estudos empíricos realizados. Por exemplo, García-Aracil e Velden (2007) apresentam uma sistematização alternativa àquela que é apresentada na Tabela 1, organizando as aptidões em competências organizacionais, metodológicas e participativas.

³ Para uma visão mais completa e ampla dos efeitos de um estágio nas capacidades profissionais ('empregabilidade') de um diplomado recomenda-se a leitura dos artigos de Ryan, Toohey & Hughes (1996) e de Tynjälä (2013).

Por fim, o valor instrumental dos estágios reportado nos estudos baseia-se, na maioria dos casos, nas expectativas dos inquiridos, quer sejam estudantes, docentes universitários ou empregadores. Estudos que cruzem as vivências em primeira mão com resultados a curto e a longo prazos (*outputs* e *outcomes*), fazendo uso de indicadores mais amplos, tais como taxa de (des)emprego a nível nacional, são praticamente inexistentes (Gault et al., 2010).

3. Metodologia

Tal como referido anteriormente, este estudo pretende avaliar o impacto dos estágios curriculares na empregabilidade dos diplomados, ao nível do primeiro ciclo do ensino superior. Para a concretização deste objetivo, e no sentido de colmatar as lacunas de investigação detetadas na revisão da literatura, foram utilizados instrumentos de recolha de informação quantitativos e qualitativos. A escolha por uma metodologia mista baseou-se sobretudo na preocupação em estudar a empregabilidade dos diplomados, e sua relação com os estágios, nas duas perspectivas vigentes na comunidade académica, nomeadamente o estudo da empregabilidade enquanto competência a ser desenvolvida nos diplomados ('empregabilidade' enquanto processo), e o estudo da empregabilidade enquanto probabilidade de acesso a um emprego ('empregabilidade' enquanto produto). Assim, a investigação foi desenhada numa lógica faseada, tendo-se optado por estudar primeiro a empregabilidade dos diplomados enquanto acesso (ou não) a um emprego. Numa segunda fase integrou-se a perspetiva do desenvolvimento de competências. A utilização de uma metodologia mista permitiu a triangulação de dados quantitativos e qualitativos, obtidos em fases de investigação diferentes, contribuindo para a robustez das conclusões do estudo.

Os dados quantitativos foram recolhidos, sobretudo, através da análise documental dos planos curriculares das licenciaturas, tendo os dados qualitativos sido obtidos através da realização de entrevistas semiestruturadas, individuais, a diretores de unidades orgânicas, e *focus group*, que integraram diretores dos ciclos de estudo, orientadores internos e ex-estagiários. Foram, ainda, utilizadas estatísticas relativas ao desemprego de diplomados disponibilizadas pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP). A informação foi recolhida de forma sequencial para que a análise quantitativa contribuísse para a seleção de casos (nomeadamente IES que ministram cursos com estágios curriculares) e a estruturação dos instrumentos metodológicos utilizados na etapa qualitativa (guiões de entrevista).

A primeira fase do estudo correspondeu ao levantamento exaustivo de todas as licenciaturas existentes a nível nacional, envolvendo a análise de conteúdo de todos os planos curriculares das licenciaturas ministradas no ano letivo 2012/2013 no ensino superior português.

O enfoque na oferta do primeiro ciclo justifica-se pelo facto de nem todas as IES oferecerem programas de segundo e terceiro ciclos. Adicionalmente, as recomendações no âmbito do processo de Bolonha reafirmam que as licenciaturas devem ser "*relevantes para o mercado de trabalho europeu como um nível de qualificação adequado*" (Teichler, 2009: 263).

Para este estudo foram analisados todos os planos curriculares aprovados e publicados em Diário da República entre os anos de 2006 e 2009, com o objetivo de selecionar os planos de estudo adaptados de acordo com a Declaração de Bolonha. Esta janela temporal permite analisar os planos de estudo já estabilizados e que, simultaneamente, garantam a compatibilidade com os dados relativos às taxas de desemprego registado dos graduados. Com efeito, é expectável que os estudantes inscritos em licenciaturas dentro desta moldura temporal tenham terminado a sua formação em 2012, considerando que o tempo mínimo para a conclusão deste ciclo de estudos é de três anos.

Salienta-se que os planos de estudo das licenciaturas são atualizados regularmente, refletindo as preocupações das IES em se adaptarem às necessidades sociais e às exigências do mercado de trabalho. Por esse motivo, foi dedicado um esforço considerável à identificação do plano de estudos mais antigo de cada licenciatura, por forma a avaliar a data exata da integração de estágios, quando aplicável, nos planos curriculares das mesmas.

Da análise de conteúdo dos despachos de criação resultou uma base de dados única no contexto nacional. Com efeito, não existem estudos ou dados oficiais que permitam analisar, de forma sistemática, a estrutura dos planos curriculares das licenciaturas em Portugal e, em particular, o impacto que unidade(s) curricular(es) de estágio pode(m) ter em termos de empregabilidade. Dada a importância desta sistematização em termos de definição de políticas públicas, a base de dados construída no âmbito deste estudo inclui um conjunto significativo de variáveis relacionadas com cada licenciatura.

Importa ressaltar que a base de dados constituída inclui apenas as licenciaturas para as quais estão disponíveis dados oficiais sobre o número de diplomados desempregados inscritos no IEFP há, pelo menos, 12 meses. No âmbito deste estudo, considera-se que a taxa de desemprego de um curso é o quociente entre o número de diplomados do curso no período 2006/07–2011/12, que se encontravam registados como desempregados no IEFP em junho de 2013, e o número total de diplomados do curso no período em causa. Para além da taxa de desemprego registado, foi recolhido um conjunto de variáveis previamente definido, associado a cada licenciatura. Do conjunto de variáveis estudadas destacam-se as relativas à caracterização da IES que ministra o curso, nomeadamente: se pertence ao subsistema de ensino universitário ou politécnico; se a instituição é pública ou privada; e a região geográfica onde é ministrada a formação, de acordo com a Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos de nível 3 (NUTS III). Adicionalmente, foram integrados na base de dados alguns dados secundários que serviram de suporte à análise quantitativa, nomeadamente as taxas de desemprego de cada IES e das grandes áreas de estudo de acordo com a Classificação Nacional das Áreas de Educação e Formação (CNAEF)⁴

Dos 1621 planos de estudo inicialmente analisados, apenas se encontravam disponíveis os dados do desemprego de 1158. A Figura 1 apresenta a distribuição destas licenciaturas, segundo o subsistema de ensino e o tipo de IES onde são ministradas.

⁴ Declaração de Retificação nº 5-A/2013 de 25-01-2013, Diário da República nº 18 Série I de 25/01/2013 Suplemento 1.

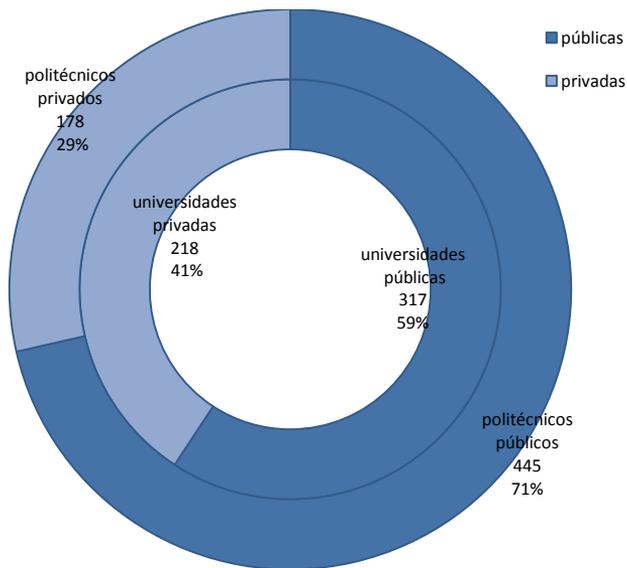


Figura 1 - Licenciaturas em Portugal, por subsistema de ensino e por tipologia de instituição de ensino superior, com dados do desemprego registado no IEFP em junho de 2013

É no subsistema de ensino politécnico que as IES têm um peso maior, correspondendo a 71 por cento das licenciaturas nesse subsistema de ensino. De entre os cursos universitários de primeiro ciclo ministrados, cerca de 59 por cento são-no em instituições públicas.

A identificação das licenciaturas que incluem estágios e dos moldes em que estes funcionam, efetuada através da análise de conteúdo, não foi uma tarefa fácil. Com efeito, verificou-se existirem várias denominações para designar as unidades curriculares que incluem experiências de trabalho em entidades empregadoras. Considerou-se, assim, que um plano de estudos inclui estágios curriculares se proporcionar aos estudantes uma ou mais unidades curriculares com designações normalmente associadas às aprendizagens em contexto de trabalho (por exemplo: ‘Formação em contexto de trabalho’; ‘Projeto profissional’; ‘Estágio’). A análise dos planos de estudo publicados em Diário da República foi cruzada com a informação divulgada nos sítios *Web* oficiais das IES ou disponibilizadas pelos coordenadores dos ciclos de estudos ou pelos serviços administrativos dessas instituições.

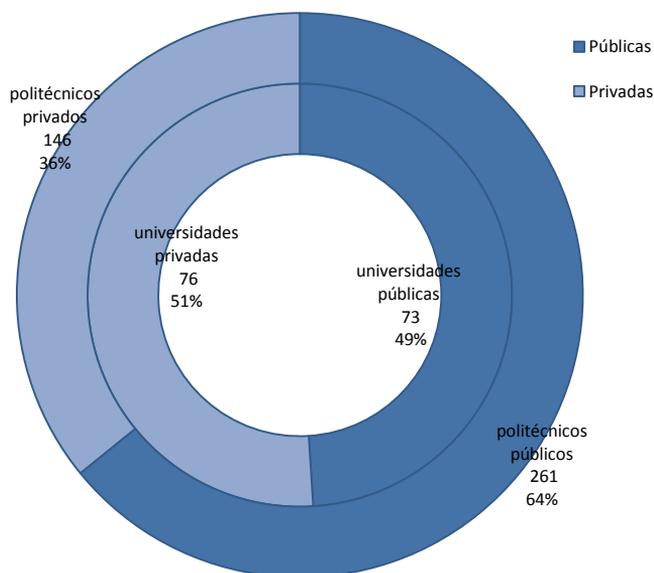


Figura 2 – Licenciaturas com pelo um estágio curricular, por subsistema de ensino e por tipologia de instituição de ensino superior, com dados do desemprego registado no IEPF em junho de 2013

Como apresentado na Figura 2, de um total de 1158 planos de estudo inicialmente analisados, 556 incluem estágios, sendo a grande maioria destes, 73 por cento, lecionados por instituições politécnicas (públicas ou privadas).

Para além destes elementos caracterizadores das licenciaturas, procurou-se analisar os estágios de acordo com a sua natureza e formato.

Em primeiro lugar, os estágios foram classificados quanto à obrigatoriedade da sua frequência pelos estudantes – obrigatórios ou facultativos. Estes últimos ocorrem quando aos estudantes é dada a opção de escreverem um relatório ao invés de enfrentarem uma experiência de trabalho, ou quando os estudantes podem escolher uma unidade curricular relacionada com um ambiente de aprendizagem em contexto de trabalho de entre um conjunto de unidades curriculares teóricas ou práticas.

Em segundo lugar, os estágios foram caracterizados de acordo com seu formato, tendo sido separados os programas de estudo que incluem um estágio único, normalmente no final do primeiro ciclo de estudos, dos

programas de estudo que incluem vários estágios, frequentemente mais curtos, e geralmente distribuídos ao longo dos três anos da licenciatura (Ryan, Toohey & Hughes, 1996). A Tabela 2 apresenta uma tabulação cruzada destas características do(s) estágio(s).

Tabela 2 - Características dos estágios curriculares dos ciclos de estudo com pelo menos um estágio curricular (%)

		Estágio único	Vários estágios	Total
Universitário	Obrigatório	48,3	20,8	69,1
	Facultativo	28,2	2,7	30,9
	<i>Total</i>	<i>76,5</i>	<i>23,5</i>	<i>100</i>
Politécnico	Obrigatório	31,4	46,7	78,1
	Facultativo	19,4	2,5	21,9
	<i>Total</i>	<i>50,9</i>	<i>49,1</i>	<i>100</i>

Na primeira fase, os dados recolhidos foram analisados através de uma análise exploratória que permitiu caracterizar quantitativamente os dados recolhidos, bem como analisar graficamente os aspetos mais relevantes para o estudo.

Na segunda fase foi efetuado o estudo da empregabilidade das licenciaturas existentes, com e sem estágio. O estudo da empregabilidade dos primeiros ciclos de estudo baseou-se no ajustamento de modelos de regressão, de modo a identificar as variáveis explicativas estatisticamente significativas para a taxa de desemprego registado. Estes modelos permitiram também quantificar e comparar o impacto dessas variáveis na empregabilidade dos cursos. Os modelos foram ajustados através do IBM® SPSS® *Statistics Version 22*, tendo sido realizados todos os testes necessários para assegurar a inexistência de violações aos pressupostos dos modelos de regressão.

Na terceira fase do estudo, de enfoque mais qualitativo, foram recolhidas as perspetivas dos principais *stakeholders* envolvidos na conceção e implementação dos estágios, através da realização de entrevistas semiestruturadas, que incluíram entrevistas individuais e *focus group*. As entrevistas individuais foram realizadas a quatro diretores de IES e presidentes de faculdades. Os *focus group* integraram dois diretores de

departamento/escola, cinco diretores de ciclos de estudo, um coordenador geral de estágios, seis orientadores internos de estágio e sete estudantes que realizaram estágio curricular. Ao todo, o *corpus* inclui entrevistas a vinte e um *stakeholders*.

A fim de garantir a comparabilidade dos dados a serem recolhidos, optou-se por circunscrever o estudo a uma área científica, mantendo, contudo, alguma diversidade em termos do tipo de IES (público vs. privado; universitário vs. politécnico) e área geográfica (litoral vs. interior).

A análise da base de dados, constituída na fase inicial do estudo, levou à escolha da área científica da Gestão, por ser a que estava presente em mais IES (politécnicas, universitárias, públicas e privadas) a nível nacional e por ser aquela em que existia um maior número de licenciaturas que cumpriam o critério de integrar estágios curriculares nos planos de estudo.

Com base nestes dois critérios foram seleccionadas seis IES. Para garantir a confidencialidade dos dados, as instituições foram codificadas conforme a Tabela 3.

Tabela 3 – Codificação das Instituições de Ensino colaboradoras no estudo

Instituição	Código
Politécnica Pública (Litoral)	IES1
Universitária Privada (Litoral)	IES2
Politécnica Pública (Interior)	IES3
Universitária Pública (Interior)	IES4
Politécnica Privada (Litoral)	IES5
Politécnica Pública (Interior)	IES6

Na conceção das entrevistas (ver guião em Anexo) foram tidas em conta as recomendações de Teichler (2009), nomeadamente a de evitar o formato tradicional de entrevistas individuais, a fim de minimizar a recolha de ‘discursos ensaiados’ e de ‘ideias politicamente corretas’ que não refletem a verdadeira opinião dos informantes. Tal determinou a opção por realizar entrevistas individuais e entrevistas de grupo, do tipo *focus group* (Rabiee, 2007), no sentido de criar um contexto de investigação que possibilitasse o

cruzamento 'direto' de perspetivas entre os principais agentes envolvidos (estudantes – estagiários e docentes – orientadores internos). A revisão da literatura revelou que os dados recolhidos por entrevista correspondem sempre apenas a uma tipologia de *stakeholder* (entrevistas com ex-estagiários ou entrevistas com orientadores). Atendendo ao facto de que as perspetivas reportadas nos estudos nem sempre eram concordantes (Cardoso, Escária, Ferreira, Madruga, Raimundo & Varanda, 2012; Humburg & Velden, 2014), considerou-se importante aceder às opiniões 'cruzadas' em primeira mão.

As entrevistas e o resultado dos *focus group* foram transcritos na íntegra, tendo o *corpus* resultante dos mesmos sido sujeito a uma análise de conteúdo, com recurso ao NVivo9®.

4. Estágios e empregabilidade: o que dizem os números

Sendo o objetivo principal do estudo analisar o impacto dos estágios curriculares na empregabilidade dos licenciados, e existindo a necessidade de considerar, simultaneamente, o impacto de diferentes variáveis e estudar diferentes aspetos desse impacto, definiram-se vários modelos de regressão. Em concreto, os três modelos que se apresentam seguidamente visaram estudar o impacto dos estágios na empregabilidade ao nível do sistema de ensino superior; o impacto específico por subsistema de ensino; e o impacto da natureza e formato dos estágios.

4.1. Impacto dos estágios

A investigação existente é relativamente consensual quanto ao valor dos estágios em termos de acesso a um emprego – empregabilidade enquanto produto (Hergert, 2009; Paulson & Baker, 1999; Teichler, 2009). Com efeito, a realização de estágios parece ter-se tornado um mecanismo de escrutínio e de seleção de potenciais candidatos (ver, por exemplo, Barr & McNeilly, 2002; Carless, 2007). A evidência empírica existente baseia-se, contudo, exclusivamente nas perspetivas e perceções de estudantes ou empregadores, sendo praticamente inexistente a avaliação sistemática do impacto da existência de unidades curriculares dedicadas a experiências de trabalho em entidades empregadoras nas taxas de empregabilidade dos diplomados. Assume-se, por isso, que os estágios possam ser vantajosos no processo de recrutamento sendo, assim, expectável que os planos de estudo que incluam estágios curriculares tendam a surgir associados a taxas de desemprego de diplomados mais baixas.

O primeiro modelo de regressão visa determinar se os estágios estão positiva e estatisticamente associados à possibilidade de obtenção de emprego após a conclusão da licenciatura. Este modelo considera como variável dependente a taxa de desemprego de diplomados registados no IEFP e à procura de emprego há 12 ou mais meses. Como esta variável

apresenta uma distribuição assimétrica, a mesma foi transformada utilizando logaritmos decimais, para, assim, satisfazer os pressupostos de normalidade exigidos nos modelos de regressão. Para além da existência de estágios nos planos curriculares, o modelo de regressão utilizado permite estimar o efeito de outras variáveis: o subsistema de ensino superior a que a licenciatura pertence (universitário ou politécnico); o tipo de IES (pública ou privada); a taxa de desemprego global da IES; e a taxa global de desemprego na área de formação da licenciatura.

O racional para a inclusão no modelo de regressão das duas primeiras variáveis decorre do facto de ser relativamente incontestada a ideia de o subsistema de ensino superior e o tipo de instituição poderem afetar a empregabilidade dos licenciados.

Relativamente ao impacto do subsistema de ensino superior, se, por um lado, poderia ser expectável que as taxas de desemprego de diplomados fossem mais baixas entre os licenciados do ensino superior politécnico, devido à sua maior orientação profissional e ao maior envolvimento com o mercado de trabalho e potenciais empregadores, por outro, a menor concorrência para acesso a este subsistema de ensino e, conseqüentemente, a menor qualidade média dos estudantes captados, pode ter o efeito contrário.

Quanto ao tipo de instituição é amplamente reconhecido que o processo de admissão nas IES públicas portuguesas tende a ser mais exigente e seletivo do que aquele encontrado nas instituições privadas (Tavares & Cardoso, 2013). Vários estudos de caso demonstraram que os licenciados de instituições onde o processo de seleção é mais exigente têm acesso mais fácil ao mercado de trabalho, dado que os empregadores tendem a contar com os processos de "filtro" (Arrow, 1973) das IES como um atalho para seus próprios processos de recrutamento. Além disso, os empregadores consideram a reputação institucional das IES no momento da seleção (Jackson, 2014). Considera-se, por isso, expectável que alguns empregadores restrinjam o seu leque de potenciais colaboradores ao conjunto de indivíduos provenientes das mais prestigiadas IES em que os processos de seleção são mais competitivos e exigentes.

O modelo considera, ainda, o efeito da taxa de desemprego global de cada IES. Esta variável permite controlar o prestígio social e a reputação das IES,

que podem ser traduzidos numa maior aceitação no mercado de trabalho (Tavares & Cardoso, 2013: 304). O modelo controla, finalmente, o efeito da taxa global de desemprego entre os licenciados em áreas de formação. Com efeito, é igualmente consensual que existem diferenças significativas ao nível da empregabilidade entre áreas científicas.

Tabela 4 - Determinantes das taxas de desemprego de licenciados, coeficientes de regressão estandardizados

Variáveis	Coefficientes estandardizados
Plano de estudos com estágio (0: sem estágio; 1: inclui, pelo menos, um estágio)	-,103**
Subsistema de Ensino Superior (0: universitário; 1: politécnico)	,071*
Tipo de IES (0: público; 1: privado)	,144***
% total de desemprego da IES (\log_{10})	,339***
% total de desemprego da área científica (\log_{10})	,086**
<i>R</i>	,380
<i>R² Ajustado</i>	,139
<i>N</i>	1158

Níveis de significância: *** $p.0,001$; ** $p.0,01$; * $p.0,05$

Os resultados apresentados pelo modelo de regressão descrito sugerem que as variáveis incluídas explicam 13,9 por cento da variação total do desemprego dos licenciados. O valor é relativamente modesto, sendo um possível reflexo da incapacidade do modelo em explicar completamente as taxas de desemprego de licenciados. Haverá, portanto, outras variáveis, não consideradas, que podem afetar o comportamento da variável dependente. Apesar disso, o modelo utilizado sugere importantes pistas sobre o impacto dos estágios na empregabilidade. Note-se que, tal como esperado, as variáveis independentes são estatisticamente significativas para explicar a empregabilidade dos licenciados.

Efetivamente, os resultados apresentados na Tabela 4 são claros. A existência de estágios curriculares tende a reduzir as taxas de desemprego. Mantendo as restantes variáveis constantes, pode estimar-se que a inclusão de estágios em licenciaturas pode reduzir as taxas de desemprego em 15 por cento. Desta forma, a inclusão de estágios no currículo pode constituir uma vantagem competitiva, aumentando a possibilidade de o

diplomado ser selecionado para uma vaga de emprego, já que a referência à realização de um estágio no currículo dos candidatos pode ser percebida como um indicador da reduzida incerteza sobre a produtividade do candidato.

Com efeito, as experiências de trabalho adquiridas durante os estágios permitem a criação da categoria "experiência de trabalho" no *Curriculum Vitae*, que é referenciada como um dos critérios de recrutamento mais valorizados (Hursta & Good, 2010; Tomlinson, 2008).

4.2. Subsistema e tipo de instituição

No modelo anteriormente apresentado, o tipo de instituição afeta de forma significativa a taxa de desemprego dos licenciados, surgindo as instituições privadas associadas a maiores taxas de desemprego (ver Tabela 4). Tavares e Cardoso (2013) analisaram os mecanismos utilizados pelos estudantes para escolher uma IES. Este estudo sugere que as instituições privadas tendem a ser as menos preferidas pelos estudantes, uma vez que estes tendem a reconhecer a existência de algum estigma social negativo em relação a essas instituições. Potencialmente, o mesmo raciocínio pode ser feito pelos empregadores, que tendem a preferir recrutar indivíduos com licenciaturas ministradas em IES públicas.

De acordo com o mesmo modelo de regressão, as instituições politécnicas surgem associadas a taxas de desemprego de licenciados mais elevadas. Esta é, no entanto, a variável com o menor coeficiente, em valor absoluto, e com contributo menos significativo para o modelo (menor coeficiente estandardizado). É relevante, contudo, estudar empiricamente até que ponto a inclusão de estágios curriculares nas licenciaturas das instituições politécnicas tem sido considerada como uma estratégia para resolver os problemas de atratividade de estudantes deste subsistema de ensino. Foi essa a razão que determinou a especificação de um segundo modelo de regressão.

Neste segundo modelo, analisa-se a empregabilidade dos licenciados de instituições universitárias e politécnicas separadamente, como apresentado na Tabela 5. Tal como no modelo anterior, a inclusão de

estágios no plano de estudos, o tipo de IES, a taxa de desemprego global da IES, e a taxa global de desemprego na área de formação do curso são incluídas como variáveis independentes. Estas variáveis são estatisticamente significativas para explicar a empregabilidade dos licenciados

Tabela 5 - Determinantes das taxas de desemprego de licenciados, por subsistema de ensino, e coeficientes de regressão estandardizados

Variáveis	Universidades	Politécnicos
Plano de estudos com estágio (0: sem estágio; 1: inclui, pelo menos, um estágio)	<i>n.s.</i>	-,192***
Tipo de IES (0: público; 1: privado)	,187***	,107*
% total de desemprego da IES (\log_{10})	,331***	,339***
% total de desemprego da área de formação (\log_{10})	,107*	<i>n.s.</i>
<i>R</i>	,429	,349
R^2 Ajustado	,175	,115
<i>N</i>	535	623

Níveis de significância: *** $p.0,001$; ** $p.0,01$; * $p.0,05$; *n.s.* estatisticamente não significativo

Estes resultados demonstram que os estágios proporcionam benefícios significativos para os licenciados em termos de empregabilidade, particularmente para os licenciados de instituições politécnicas. Este parece ser um reflexo da orientação vocacional e da orientação para o mercado de trabalho destas IES.

Mantendo todas as restantes variáveis constantes, pode estimar-se que a inclusão de estágios nos planos de estudo de politécnicas pode reduzir a taxa de desemprego entre os licenciados em 27 por cento. As instituições privadas estão consistentemente associadas a maiores taxas de desemprego, especialmente se considerarmos o universo das instituições universitárias privadas.

4.3. Natureza e formato dos estágios

Tal como mencionado anteriormente, a natureza do estágio (obrigatório ou facultativo) e o formato do estágio (único ou faseado) variam bastante nos ciclos de estudo considerados. Torna-se, assim, relevante avaliar se estas características influenciam, de forma significativa, a obtenção de emprego após a conclusão da licenciatura.

A existência de estágios facultativos significa que, em determinadas licenciaturas, os estudantes podem optar por não vivenciar uma experiência de trabalho numa entidade empregadora, reduzindo, desta forma, os efeitos positivos mencionados relativamente à frequência dos estágios.

Adicionalmente, as licenciaturas com estágios facultativos tendem a indicar um menor compromisso entre as IES e as entidades empregadoras e menos preocupações com o mercado de trabalho. Com efeito, a investigação existente sugere que a existência de uma relação estreita entre as IES e as entidades empregadoras (ligação que pode ser reforçada pelos estágios) pode funcionar como um mecanismo para que os empregadores se envolvam e contribuam ativamente para o desenvolvimento curricular (Thiel & Hartley, 1997).

Os estágios obrigatórios, pelo contrário, podem ser usados pelas IES como um mecanismo para conhecer e compreender as expectativas do mercado de trabalho relativamente às competências desejadas nos licenciados, o que lhes permite definir planos de estudo em conformidade. Os estágios facultativos não permitem essa interação sistemática com o mercado de trabalho, o que pode ter potenciais efeitos negativos sobre a empregabilidade dos diplomados. Como tal, é legítimo esperar-se que os estágios obrigatórios estejam associados a taxas de desemprego de licenciados mais baixas.

Não existe, igualmente, investigação suficiente sobre o impacto do formato dos estágios na empregabilidade. As IES podem optar por incluir nos planos curriculares apenas um estágio, tendencialmente no final da licenciatura, ou vários (Harvey, Moon & Geall, 1997). Como Ryan et al. (1996) destacam, não há estudos que demonstrem a superioridade de

estágios contínuos sobre os estágios faseados. Os autores argumentam que a articulação continuada da componente teórica da licenciatura com a componente prática desenvolvida ao longo de estágios faseados pode ter um efeito positivo superior a uma experiência de estágio contínua e mais alargada (Ryan et al., 1996: 368). É, assim, expectável que a diversificação das oportunidades de estágio surja associada a taxas de desemprego de licenciados mais baixas.

O modelo de regressão apresentado na Tabela 6 pretende estimar o impacto destas características dos estágios na taxa de desemprego dos licenciados. Tal como destacado anteriormente, os estágios tendem a ter maior impacto no caso dos licenciados do ensino superior politécnico. Por esta razão, o modelo de regressão apenas foi ajustado para este subsistema de ensino.

Assim, considerou-se como variável dependente a taxa de desemprego de diplomados à procura de emprego há 12 ou mais meses e como variáveis independentes: a natureza e o formato dos estágios; e se as licenciaturas são ministradas por IES públicas ou privadas. As variáveis de controlo relacionadas com as taxas de desemprego da área de formação e a taxa de desemprego das instituições foram também incluídas.

Tabela 6 - Estrutura dos estágios e o desemprego de licenciados de IES politécnicas, coeficientes de regressão estandardizados

Variáveis	Instituições politécnicas
Natureza dos estágios (0: facultativo; 1: obrigatório)	-,163**
Formato dos estágios (0: único; 1: faseados)	-,287***
Tipo de IES (0: público; 1: privado)	,175***
% total de desemprego da IES (\log_{10})	,283***
% total de desemprego da área de formação (\log_{10})	,229***
<i>R</i>	,435
<i>R</i> ² Ajustado	,177
<i>N</i>	407

Níveis de significância: *** $p.0,001$; ** $p.0,01$; * $p.0,05$

Como pode ser constatado através da análise da Tabela 6, a natureza dos estágios tem um impacto estatisticamente significativo nas taxas de desemprego dos licenciados do ensino superior politécnico. A sua natureza

obrigatória tende a reduzir as taxas de desemprego em 28 por cento, se mantivermos as restantes variáveis constantes. Os estágios obrigatórios implicam a formalização de um sistema de colaboração institucionalizado entre as IES e as entidades empregadoras, que pode manter-se para além do período formal do estágio. Com efeito, essa colaboração pode promover a integração de licenciados, tornando-se, assim, uma colaboração vantajosa para todos os intervenientes (diplomados, IES e empregadores).

De acordo com os resultados obtidos, o formato dos estágios curriculares apresenta, também, os efeitos esperados. Pode estimar-se que a diversificação das oportunidades disponíveis para os estudantes experienciarem atividades relacionadas com o mundo laboral (estágios faseados) pode reduzir as taxas de desemprego de diplomados em 37 por cento, se as restantes variáveis se mantiverem constantes. Tal pode ser um reflexo da capacidade destes planos curriculares permitirem que os estudantes desenvolvam competências, de forma progressiva, através da participação num conjunto de experiências práticas.

Adicionalmente, não deve ser negligenciada a vantagem dos estágios faseados ao nível da angariação de contactos com os principais empregadores interessados nas competências adquiridas ao longo da licenciatura. Em paralelo, essa diversidade pode permitir que os estudantes superem as principais desvantagens da realização de um único estágio, nomeadamente, a falta de sucesso na integração da teoria e prática; e o facto de num estágio contínuo e único os estagiários tenderem a concentrar-se num conjunto mais restrito de competências técnicas (Ryan et al., 1996). Pode-se, assim, inferir que a realização de diferentes funções e papéis em diversos locais de trabalho (estágios faseados) pode constituir uma vantagem em termos de inserção no mercado de trabalho.

Sabe-se que a preparação, execução, acompanhamento e avaliação de vários estágios durante toda a licenciatura é uma tarefa bastante exigente. Nesta exigência pode residir a explicação para a relativa menor frequência dos estágios faseados nos planos curriculares. Não obstante, estes estágios parecem ser bastante bem sucedidos, emergindo como uma das mais importantes variáveis do modelo de regressão.

Os estudantes podem aplicar a componente teórica dos planos de estudo de forma consistente ao longo das várias experiências de estágio e, gradualmente, podem perceber a necessidade de outras unidades curriculares para o desenvolvimento do seu trabalho nos locais de estágio. Com o apoio de uma orientação e supervisão consideráveis, as dimensões teórica e prática das licenciaturas podem ser melhor articuladas e promover uma melhor preparação dos estudantes. As IES podem, ao mesmo tempo, identificar gradualmente quais as principais competências desejadas pelas entidades empregadoras e ajustar, se necessário, os seus planos de estudo.

Este modelo permite também constatar que, independentemente da natureza e do formato dos estágios, as IES privadas surgem geralmente associadas a taxas de desemprego mais elevadas. Como Teixeira e Amaral (2001) argumentaram há mais de uma década, as IES privadas tendem a ser menos sensíveis às necessidades económicas do que as IES públicas, o que se reflete na oferta excessiva de licenciados nas áreas disciplinares mais populares, muitas vezes associadas a menores expectativas de empregabilidade. Os dados apresentados no âmbito deste estudo sugerem que este padrão ter-se-á mantido inalterado.

5. Estágios e empregabilidade: a visão dos *stakeholders*

No capítulo anterior apresentaram-se os modelos de regressão que foram usados para estudar o impacto dos estágios na empregabilidade dos licenciados. Embora permitam determinar a existência de uma relação negativa entre os estágios e as taxas de desemprego, os modelos não permitem compreender as razões que determinam esse impacto ao nível do desenvolvimento das competências dos estudantes e outros fatores interferentes na complexa relação estágio-emprego. Para isso, é essencial aferir a visão dos *stakeholders*.

Tal como referido no Capítulo 3, a visão dos *stakeholders* foi aferida através da realização de entrevistas semiestruturadas individuais e de *focus group*, no âmbito de licenciaturas da área da Gestão. No sentido de identificar possíveis fatores de sucesso na conceção e implementação dos estágios foram definidos os seguintes objetivos específicos para a realização das entrevistas:

- identificar os motivos que levaram à integração dos estágios nos *curricula* das licenciaturas em estudo;
- caracterizar, genericamente, os estágios curriculares e estratégias pedagógicas associadas;
- identificar práticas de referência na organização e implementação dos estágios curriculares;
- avaliar o resultado/impacto dos estágios curriculares das licenciaturas em estudo (*outputs* e *outcomes*).

De seguida apresentam-se e discutem-se os resultados obtidos através da análise de conteúdo das transcrições integrais das entrevistas realizadas. Os resultados são apresentados em três dimensões, distintas, mas complementares, que emergiram da análise de conteúdo. As dimensões são: integração do estágio curricular no plano da licenciatura; organização e implementação dos estágios; e avaliação do impacto dos estágios, o que implica, naturalmente, uma reflexão sobre as duas dimensões anteriores (Figura 3).

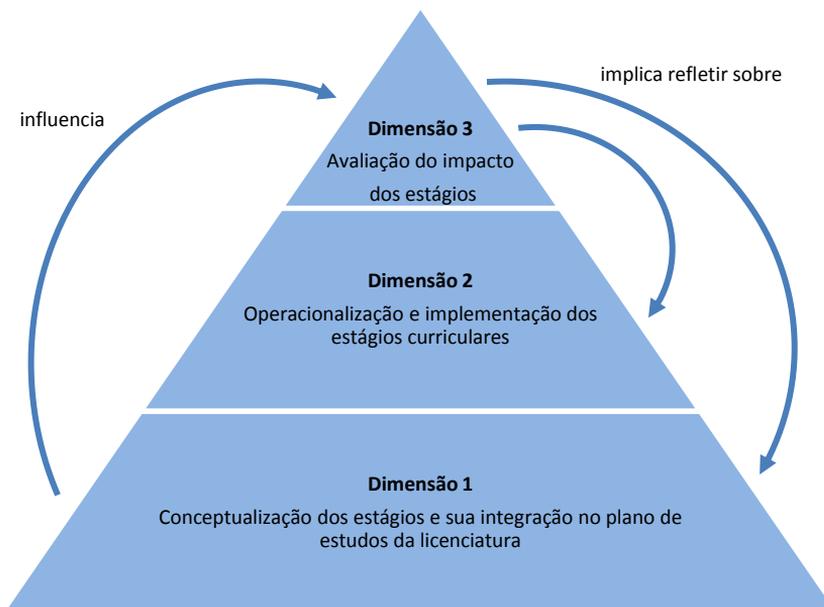


Figura 3 - Os estágios curriculares e a empregabilidade dos licenciados – visão holística

5.1. Integração de estágios nos *curricula*

Para a concretização do primeiro objetivo das entrevistas os *stakeholders* foram questionados sobre as motivações subjacentes à integração dos estágios nos planos de estudo das licenciaturas. Sendo a conceptualização dos estágios da responsabilidade da instituição, as evidências apresentadas correspondem às perspetivas dos profissionais do ensino superior (e não às dos ex-estagiários).

A análise de conteúdo das entrevistas realizadas revelou que a integração dos estágios nos planos de licenciatura está, essencialmente, associada à preocupação de proporcionar aos estudantes experiências de aprendizagem que possam vir a ser úteis no seu futuro profissional, seja do ponto de vista do amadurecimento emocional e da aquisição de competências, seja do ponto de vista da integração de experiência profissional no seu *Curriculum Vitae* (Tabela 7).

Tabela 7 - Vantagens dos estágios curriculares para os estudantes enquanto motivação intrínseca para a sua integração nos currícula

1. Possibilitar o contacto do estudante com as empresas e reduzir o 'choque cultural' entre o mundo académico e laboral
2. Criar condições para que o estudante perceba que o conhecimento adquirido ao longo do curso tem aplicação/relevância e desenvolver competências específicas
3. Promover a aquisição de competências gerais, tais como responsabilidade, pontualidade e competências comunicacionais
4. Dar ao estudante a oportunidade de desenvolver um <i>Curriculum Vitae</i> mais competitivo, através da integração de uma experiência de trabalho
5. Contribuir para a inserção do diplomado no mercado de trabalho, havendo a expectativa de integração de alguns estagiários na entidade de acolhimento (a motivação 5 surge como súmula das motivações anteriores)

Nas seis IES que integraram o estudo, a componente de motivação intrínseca, associada ao percurso formativo dos estudantes, foi referida como sendo determinante na decisão de integrar estágios de estudos. A título ilustrativo transcrevem-se dois excertos:

O curso (...) foi exatamente concebido com esta UC (...) em primeiro lugar, como unidade curricular que permite aos alunos ter experiência profissional antes de terminarem a licenciatura e, obviamente, com o objetivo, sempre que possível, de permitir que os alunos tenham empregabilidade de forma mais facilitada... coisa que se tem vindo a verificar com algum sucesso. (Orientador, Focus Group, IES1)

Eu sou um firme adepto de que o estágio deva existir, praticamente em todos os cursos. Porque? Porque eu diria que o estágio assegura a transição, uma transição mais suave entre o que é a vida académica e a vida profissional. Portanto, isto significa que para um estudante que está a terminar o seu curso, não lhe é dito um dia: acabou, agora amanhã entra às 8 da manhã. E leva um choque brutal porque são formas de trabalhar completamente diferentes. Assim, habitua-se ao ambiente empresarial, a viver em ambiente empresarial e a perceber quais são as suas funções nesse ambiente. (Diretor de IES, Entrevista Individual, IES2)

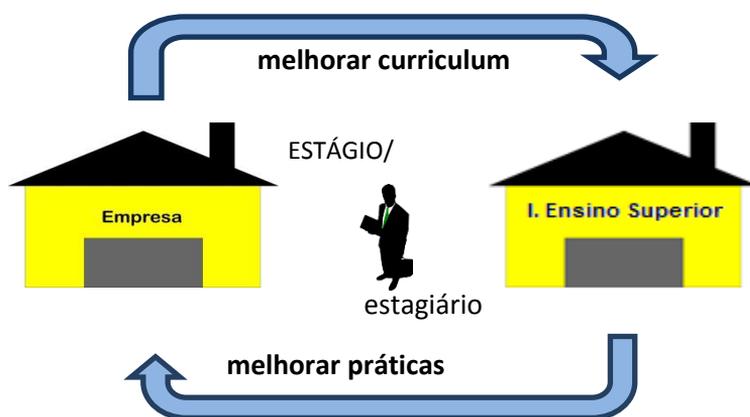
Salienta-se o caso específico da IES3, na qual foi o sucesso dos estágios não curriculares ('Estágios de Verão') no percurso formativo dos estudantes, e a conseqüente procura que estes tinham, que contribuiu para a decisão de incluir esta estratégia pedagógica no plano curricular:

*[...] o estágio curricular [...] só existe há dois anos. Este ano letivo (2013/2014) foi o segundo ano a decorrer estágio curricular. No entanto, e como nós achávamos que o estágio seria essencial para os alunos, ainda antes de o termos como curricular, era dada a possibilidade aos alunos de fazerem estágios de Verão. [...] nós chegámos a ter anos em que tivemos 30 e 40 alunos que se voluntariavam para fazer estágio não curricular. Portanto, não ganhavam nada com isso, a não ser – que eu acho o mais valioso, não é? – a experiência. [...] Isso também foi um fator que contribuiu para a decisão de integrar estágio curricular na licenciatura [...].
(Diretor de Curso, Focus Group, IES3)*

Para além das vantagens que são referidas para os estudantes, as entrevistas permitiram evidenciar que a dinamização de estágios curriculares beneficia as entidades envolvidas, nomeadamente as empresas e as IES. O estágio curricular tende a ser percecionado pelos profissionais de ensino superior como uma ferramenta de colaboração eficaz, na medida em que cria um canal de comunicação privilegiado com o tecido empresarial, o que permite, por um lado, obter *feedback* importante para as IES sobre os conteúdos programáticos que ministram, e, por outro, permite às entidades de acolhimento (EA) inovarem as suas práticas de trabalho (Figura 4).

[ter empresas colaboradoras no estágio e através destas ...] fazer ajustes na estrutura curricular e [obter sugestões para] tópicos de projetos e de dissertação. (...) Portanto, que eles nos critiquem a estrutura curricular dos vários cursos, portanto indiquem as competências que estão em falta e dêem-nos sugestões para tópicos de dissertação e projeto. Acho que por aí [através dos estágios] era o caminho mais fácil. (Orientador, Focus Group, IES4)

Nós gostamos que a entidade venha até mais para nós é essencial. Porque eles às vezes dizem-nos coisas nas defesas [dos relatórios de estágio] que a gente pensa: olha, isto é interessante para pormos no programa da unidade curricular x ou y. E temos adaptado muitos programas com novas coisinhas, coisinhas pequeninas, mas que vêm dos empregadores. São eles que estão no mercado e que muitas vezes dão conta deste ou aquele pormenor. (Diretor de Curso, Focus Group, IES3)



Portanto desse ponto de vista, eu não tenho dúvidas absolutamente nenhuma que o estágio é ótimo para o emprego e é ótimo para os empregadores, porque podem escolher facilmente os seus funcionários. E para a própria empresa. Quando recebe um estagiário, entra para uma função, vai entrar para um trabalho que há muito quer fazer e nunca fez porque não tinha ninguém disponível. E portanto, alguns empregadores inteligentes que tinham uma coisa na cabeça para fazer há 10 anos e nunca tinham feito porque não tinham ninguém disponível, pegaram nestas pessoas novas, nos estudantes e começaram a fazer. E com sucesso, devo dizer-lhe. Na maior parte dos casos. E portanto isso permite até desenvolver outras formas, outros modelos e conseguir outros negócios. Sobre esse ponto de vista acho que é extremamente favorável os estágios. (Diretor de IES, Entrevista Individual, IES2)

Figura 4 - Os estágios curriculares como ferramenta de inovação para as instituições supervisoras, visão dos profissionais académicos

Para além destas motivações, de natureza intrínseca, as entrevistas revelaram, ainda, que a integração de estágios curriculares no plano surgiu também como resposta a pressões de natureza político-institucional e social (Tabela 8). Em quatro das seis IES analisadas, os entrevistados reconheceram que estes fatores externos pesaram na decisão de integrar a experiência de estágio na oferta formativa do curso, como exemplificam os seguintes excertos:

Reconheço que as agências de acreditação... dão-nos muito essas sugestões e críticas sempre nesta relação [de incluir mais estágios]. Criticam-nos que nós temos poucos e sugerem que tenhamos mais. (Orientador, Focus Group, IES4)

Qualquer pai sensato – não é? -, antes de aconselhar um filho também vai ver a taxa de empregabilidade e é óbvio que isso para nós é muito importante. (Diretor de Curso, Focus Group, IES3)

Tabela 8 - Fatores de motivação extrínseca para integração dos estágios nos curricula

Pressões Político-Institucionais	1. Recomendações da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior 2. Recomendações de associações/ordens profissionais
Pressões Sociais	3. Pais preocupados com os cursos que os filhos escolhem, no sentido de aumentar a probabilidade de obterem emprego
	4. Estudantes preferem cursos com estágios, uma vez que se assume que poderá ser mais fácil obter emprego
	5. A integração de estágio curricular como 'estratégia de marketing institucional' (em consequência do somatório de 1,2, 3 e 4)

5.2. Organização e implementação

Numa segunda fase das entrevistas questionaram-se os responsáveis pelos cursos sobre o funcionamento geral dos estágios curriculares, no sentido de confirmar as características gerais dos mesmos, nomeadamente,

natureza, estrutura e duração, que tinham sido inferidas através da análise dos planos de estudo das licenciaturas em causa, na primeira fase do estudo, tal como referido anteriormente. Os entrevistados descreveram, ainda, o *regime* do estágio curricular, que diz respeito à carga horária diária em que um estudante tem efetivamente no seu local de estágio enquanto está a frequentar a formação em contexto de trabalho. A Tabela 9 sintetiza as características supramencionadas.

Tabela 9 – Características globais dos estágios curriculares

Natureza	<p>Estágios obrigatórios - quando a obtenção do diploma implica a realização de estágio, não havendo outra estratégia pedagógica alternativa.</p> <p>Estágios facultativos – quando o estudante tem a possibilidade de concluir o curso sem o estágio, podendo em substituição realizar projeto de investigação ou simulação empresarial.</p>
Estrutura	<p>Estágios únicos – quando são realizados num único momento da licenciatura.</p> <p>Estágios faseados – implicam que o aluno, ao longo da licenciatura, realize pelo menos duas vezes formação em contexto de trabalho, podendo esses momentos ser, ou não, no mesmo ano curricular.</p>
Duração	<p>Estágios semestrais – independentemente do número total de horas definidas (sensivelmente três meses).</p> <p>Estágios anuais – quando se realiza ao longo de um ano letivo completo.</p>
Regime	<p>Estágios em <i>part-time</i> – quando o estudante está no local de estágio durante a manhã ou à tarde, sendo o resto do dia destinado à frequência de aulas.</p> <p>Estágios em <i>full-time</i> – quando o estudante cumpre um horário normal, de oito horas.</p>

As entrevistas confirmaram as características inferidas pela análise dos planos de estudo. Nas seis IES os estágios curriculares são de natureza facultativa, apresentando uma estrutura única e tendo uma duração semestral. Em todas as licenciaturas em causa o estágio curricular é

realizado no último ano do plano de estudos, visando funcionar como uma experiência ‘facilitadora’ na transição para o mundo laboral, tal como é descrito na literatura específica (Alpert et al., 2009; Daniels & Brooker, 2014; Trede & McEven, 2015), estando, igualmente, em concordância com as diferentes motivações para a integração dos estágios curriculares nos planos de estudos que foram descritas na secção anterior.

Relativamente à *natureza facultativa* do estágio é de referir que uma das IES (IES4) manifestou que seria desejável que o estágio tivesse uma natureza ‘obrigatória’ atendendo às vantagens que se assume estarem associadas ao mesmo. No entanto, tal não acontece sobretudo pela incapacidade institucional de garantir estágio a todos os estudantes. Desta forma, a apresentação de alternativas curriculares ao estágio, nomeadamente a unidade ‘Projeto’ possibilita salvar esta lacuna, na medida em que permite o encaminhamento dos estudantes para esta unidade curricular.

Em oposição, noutra IES (IES1), o estágio é ‘facultativo’, no sentido de salvar os trabalhadores-estudantes que não podem realizar estágio curricular, por indisponibilidade temporal associada aos seus compromissos laborais, ou porque, atendendo ao seu percurso profissional, não retirariam nenhuma mais-valia da realização do estágio. Nesta IES, em particular, é política assumida que os estudantes ‘tradicionais’ devam ir para estágio.

A Tabela 10 sistematiza alguns testemunhos dos estudantes entrevistados no que respeita ao momento de optar pelo estágio curricular.

Tabela 10 - A escolha pelo estágio - relatos de alguns estudantes

*Neste caso entre optar em fazer o estágio curricular ou o projeto profissional, fiquei um bocado indeciso [...] ... mas também tinha a parte da preocupação de todos os conhecimentos que adquiri ao longo da licenciatura serem aplicados depois no contexto do mundo de trabalho, e sem ser um trabalho académico, mas passá-lo já diretamente para o meu trabalho e identificar quais as minhas dificuldades, ver o que queria fazer, porque ... lá está ... **se eu continuasse com o projeto profissional iria ficar um bocadinho sem saber as minhas capacidades e as minhas lacunas.** (Estudante, Focus Group, IES1)*

***Eu nunca tive dúvidas que iria para estágio.** Eu acho que o projeto é um pouco mais do mesmo. Nós estamos a continuar uma coisa em que já trabalhamos (...). E até porque eu acho que se tivesse um projeto que pretendesse desenvolver ... eu acho que, mesmo nesse caso ... quando é possível fazer estágio, eu acho que traz muito mais vantagens, porque nós ao estarmos a criar um projeto, ou a elaborar um projeto, e só com base nos conhecimentos académicos, adquiridos em sala de aula, é muito diferente do que nós estarmos a criar um projeto com alguns conhecimentos profissionais, porque se calhar teria alguns erros que fiz nos trabalhos ao longo da licenciatura e nunca me iria ocorrer que aquilo podia acontecer. **No mundo do trabalho há coisas que percebemos que, sim, realmente isto é tudo muito bonito, mas depois aplicar na prática temos que ter muito mais (cuidado) ... Por isso, eu sempre quis fazer estágio, nunca tive essa dúvida. E aconselho.** (Estudante, Focus Group, IES1)*

[Quando escolhi o curso não pensei na questão de ter estágio ou não]. Mas claro que o próprio curso possibilitar essa vertente do estágio acho que é muito importante. Para já, porque é o aplicar na prática daquilo que se aprende aqui, não é? Portanto, acho que essa vertente é ótima. E para mim, quando percebi que se tinha essa possibilidade (...) optei pelo estágio. Acho que o estágio é uma mais valia. E termos essa possibilidade, acho que faz todo o sentido optar-se por estágio, não é? (Estudante, Focus Group, IES3)

No que respeita à estrutura dos estágios, os supervisores académicos entrevistados foram, na maioria dos casos, apologistas do ‘estágio faseado’, reconhecendo que, em termos pedagógicos, e de potenciação do acesso ao mercado de trabalho, este tipo de estágios poderiam ter resultados muito interessantes. No entanto, identificaram diversas dificuldades logísticas na concretização desta estratégia, destacando-se a dificuldade em garantir locais de estágio para todos os anos curriculares e

a definição de tarefas específicas adaptadas ao percurso formativo em que cada estudante se encontra:

Acho o estágio faseado muito interessante também. Não sei até que ponto é que isso iria obrigar a uma logística um bocadinho diferente ... e tenho que ser sincero – não é? -, acho que nós não temos os meios humanos para isso. Porque o que exigem de um ensino politécnico superior hoje em dia é completamente diferente de há uns anos atrás.[...] a nível de licenciatura acho que é muito difícil. [...] em licenciatura acho que é quase impossível ter mais do que três meses de estágio. (Diretor de curso, Focus Group, IES3)

Eu sou apologista dos estágios faseados, mas, do ponto de vista de implementação, pode ter alguma complexidade, porque ... mesmo a estrutura de apoio ... tudo isso teria que dar mais apoio, se já assim (para estágios únicos) é complicado, deficitário em alguns aspetos, se fosse faseado, seria muito mais complexo. Teríamos que ter uma estrutura muito diferente daquela que é a nossa realidade ... seria uma estrutura ... ou seja, seria estar a colocar os planos (à frente dos professores) ... há bocado falamos que os planos foram criados para (garantir emprego aos professores)⁵ ... seria interessante ... mas faltam mecanismos para tal. (Orientador, Focus Group, IES1)

Neste campo os estudantes que se pronunciaram sobre este aspeto, tiveram uma visão oposta, sentindo-se mais confortáveis com o estágio apenas no fim da licenciatura, na medida em que se sentem mais capazes de enfrentar os desafios:

Comparando com a licenciatura em enfermagem, em que eles vão adquirindo competências, uma vez que no primeiro ano têm estágio obrigatório, e no segundo ano têm novamente momento de estágio ... nós não nos enquadrámos bem nesse âmbito ... Eu penso que a nossa licenciatura está bem planeada e ... lá está chegamos ao final do terceiro ano e sabemos já quais são as várias temáticas com

⁵ O entrevistado está-se a referir a um aspeto que foi abordado noutra momento da entrevista, nomeadamente o facto dos estágios curriculares retirarem 'horas' às áreas científicas teóricas e, assim, ao serviço docente.

relevância e ... [seremos mais capazes de trabalhar]. (Estudante, Focus Group, IES3)

Relativamente à duração dos estágios, ainda que em todas as instituições o estágio seja de duração semestral, muitos foram os entrevistados que assumiram que seria desejável prolongar esta experiência de aprendizagem. Foram sobretudo os estudantes que foram mais assertivos neste aspeto. A título ilustrativo transcreve-se o seguinte excerto:

Eu acho que é perfeitamente viável (...) ter mais horas de estágio. (...) Como é tão pouco tempo ... Porque na verdade, quando estamos mais habituados à empresa, quando nós estamos a perceber mais a mecânica e estamos a conseguir ter frutos, é quando vamos embora. (Estudante, Focus Group, IES1)

Por sua vez, os orientadores reconheceram que seria idealmente desejável os estágios serem mais prolongados, tendo, contudo, levantado alguns obstáculos quanto à sua operacionalização. Argumentos como a compatibilização com a agenda do ano académico e compromissos da entidade de acolhimento foram os mais apresentados. Destaca-se, no entanto, a visão de um diretor de curso que considerou que se está perante uma evidente falta de vontade político-institucional:

Sim, haveria a possibilidade de o fazer. As dificuldades são internas, tem a ver com a perceção que as pessoas têm sobre aquilo que é a utilidade de um estágio. É evidente que isso se calhar implicaria suprimir algumas unidades curriculares, por causa do ponto de vista dos ECTS. É uma vontade política, se entendermos que o estágio é, de facto, uma mais-valia, se entendermos que o alongamento do estágio traz benefícios quer para a empresa quer para a IES, não vejo outro obstáculo a não ser essa vontade política para que as coisas se processem. (Diretor de Curso, Focus Group, IES1)

No que respeita ao regime do estágio curricular, verificou-se que, na maioria dos cursos, os estudantes realizavam o estágio em part-time. Apenas numa das instituições (IES3), os estudantes frequentavam o estágio

em regime de full-time⁶, sendo a justificativa de que os empregadores têm preferência por este regime:

Em relação ao curso [x], portanto a preocupação é que o aluno tenha o mesmo horário dos funcionários da empresa. Portanto, se o funcionário entrar às 8:30, o aluno também deve entrar às 8:30 (...) Uma das conversas que eu tenho com eles é essa. Vocês vão começar a trabalhar, ponto. E são colaboradores da empresa, ponto final. E pode até acontecer, em limites razoáveis, que tenham algumas horas para entrar, algum horário para entrar e se calhar muito mais flexível para sair, como um colaborador de lá. É vestir a camisola da empresa, ponto final. (...) São colaboradores da empresa durante aqueles três meses. (...) Não é possível terminar um projeto sério num estágio a meio tempo. Não é possível. Um estagiário que vai duas horas, ou três horas, pelo menos estou a falar da minha realidade [...] se calhar [noutros cursos] pode ser diferente. No curso [x], e com o tipo de estágio que vão fazer, não é credível que a empresa dê um bom estágio a um estagiário que vai lá duas ou três horas por dia, ou um dia que não vai, ou um dia vai de manhã e já não vai à tarde. Não é possível. Mandam-no tirar fotocópias, mandam-no ir ao correio, coisas desse género. E não é isso que se quer. Tem de se estar a tempo inteiro. (Orientador, Focus Group, IES3).

No que concerne à implementação dos estágios curriculares, as entrevistas permitiram identificar algumas estratégias de referência adotadas pelas IES no sentido de superar algumas problemáticas inerentes à dinamização de estágios curriculares (Tabela 11).

Na Tabela 12 encontram-se identificadas as três áreas de intervenção que se revelaram como aquelas onde é importante apostar em reflexões mais sustentadas, no sentido de potenciar os estágios curriculares como ferramentas pedagógicas de acesso ao mercado de trabalho. Segue-se uma exploração mais detalhada de cada uma das áreas identificadas.

⁶ Nos dois cursos em que esta situação se aplicava era permitido aos estudantes frequentar as aulas em regime noturno.

Tabela 11 – Exemplos de estratégias adotadas perante desafios/problemas associados à implementação dos estágios

Identificação da IES	Descrição global
IES 5	Candidataram-se a um projeto, obtiveram financiamento e conseguiram que alguns estágios fossem remunerados. Têm uma comissão de estágio que tenta tratar de alguns aspetos de forma mais direta do que os tradicionais gabinetes de saídas profissionais.
IES 3	‘Estágio – prémio’ – nesta instituição a alocação do estagiário à empresa é feita pela instituição. Apenas aos melhores estudantes é dada a oportunidade de propor o local de estágio. Questionam as empresas relativamente à data em que mais lhes convém receber os estagiários e concebem o plano de estágios de acordo com isso. O estágio é feito no verão, atendendo ao <i>feedback</i> dos empregadores.
IES 4	No esforço de procura de entidades de acolhimento colocaram um anúncio no jornal, a referir que tinham estudantes disponíveis para estagiar. Houve entidades de acolhimento que responderam.

No que respeita à alocação do estagiário à EA foram identificadas três modalidades distintas: a IES é que se responsabiliza em procurar as organizações que considera adequadas; as EA é que estabelecem o contacto com a IES, indicando que estão interessadas em receber estagiários; a IES dá ao estudante a possibilidade de auto-propor o local em que irá realizar o seu estágio. Enquanto as duas primeiras modalidades, colocam a responsabilidade de escolha do local de estágio na IES, a última coloca a responsabilidade no estudante (Figura 5). Perante esta diversidade de estratégias, e uma vez que ainda não existem medidas concretas de avaliação dos outcomes das práticas mais comuns associadas à dinamização de estágios, importa iniciar uma reflexão sobre os benefícios de cada uma destas abordagens.

Tabela 12 - Implementação de estágios curriculares: áreas-chave para reflexão e intervenção futura

Alocação dos estagiários às empresas – qual a estratégia mais profícua?	<ol style="list-style-type: none"> 1. Bolsas de EA (a IES contacta a EA e esta aceita e/ou a EA contacta a IES que a aceita) 2. Autoproposta dos estudantes 	
Avaliação do estagiário verdadeira tarefa colaborativa entre IES e EA?	<ol style="list-style-type: none"> 1. O orientador externo apresenta uma proposta de nota quantitativa (que é ‘adaptada’) 2. O orientador externo apresenta uma proposta de classificação não numérica 	
Falta de apoios e incentivos à realização de estágios curriculares	... na EA	<ol style="list-style-type: none"> 1. Dificuldade de gestão de tempo
	... na IES	<ol style="list-style-type: none"> 1. Dificuldades logístico-administrativas (gabinetes de apoio inexistentes ou com funcionalidades deficientes) 2. Dificuldades financeiras (nomeadamente ausência de verbas para deslocações) 3. Dificuldades de gestão de tempo (relacionadas, por um lado, com a exigência da tarefa e, por outro, com a reduzida contabilização para o serviço docente)

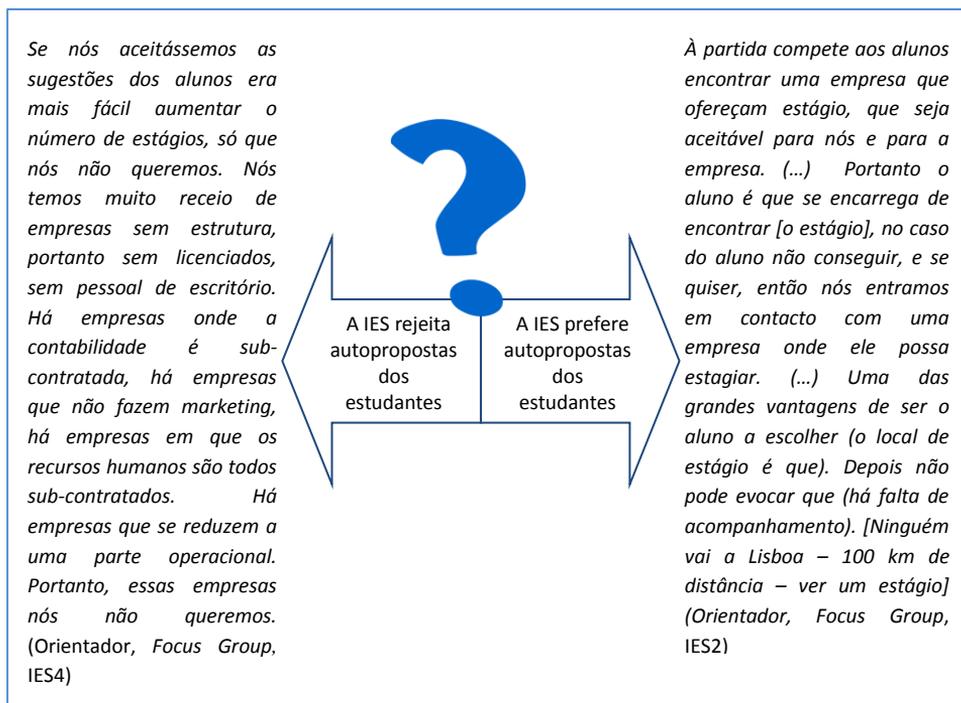


Figura 5 – Modalidades distintas de alocação dos estudantes ao local de estágio

No que diz respeito ao acompanhamento do estagiário, destaca-se a questão da avaliação do estagiário pelos orientadores da IES e da EA. A responsabilidade da avaliação, de forma global, é verbalizada como sendo partilhada por ambos. No entanto, a exploração deste assunto revelou dificuldades operacionais, na medida em que se verificam, muitas vezes, algumas discrepâncias entre a avaliação dos dois orientadores:

*Sim, a avaliação é feita conjuntamente pelo responsável da empresa pelo estagiário e pelo professor que orienta o estágio. O que se faz é, no final do estágio, o responsável da empresa atribui uma classificação não numérica ... **nós achamos que deve ser não numérica, porque é mais difícil para as pessoas que não conhecem os critérios de avaliação dizer se é 14.** É mais fácil para eles dizer se é bom ou muito bom, se é excepcional, se é suficiente. (Diretor de Curso, Focus Group, IES2)*

Eu tenho que dizer ... eu devo dizer que isso no fundo ... e da experiência que eu tinha tido anteriormente ... porque as pessoas estão muito longe dos critérios a que preside a um 14, a um 15 ou um 16. E nós encontramos pessoas que, portanto, estão longe disso ... estão longe das médias que são atribuídas na universidade e, portanto, era-lhes difícil dar uma nota. Nós temos situações complicadas, anteriormente não agora, situações complicadas em que uns queriam dar 17, por exemplo ... nós víamos que tinha 14 ou 15, não tinha mais que isso, face aos critérios da universidade ... e, portanto, é um bocadinho complicado. (Diretor de departamento entrevista individual, IES2)

A empresa dá-nos feedback e diz que o aluno às vezes não era pontual, mas mesmo assim dão-lhe cinco valores. E, portanto, é um processo difícil que nós estamos a tentar afinar ... e uma das coisas em que estamos a trabalhar é a garantia total de confidencialidade da avaliação do supervisor da empresa. Porque eu acho que eles ou não a assumem ou acham que o estagiário vai ver e portanto retraem-se. (Orientador, Focus Group, IES4)

Por fim, a falta de apoio e incentivos à realização de estágios curriculares a nível institucional é uma das problemáticas que foi igualmente levantada em todas as IES. A título ilustrativo transcrevem-se os seguintes excertos:

Há o Gabinete X, mas tem outras funcionalidades (...) neste momento devíamos ter uma estrutura minimamente concebida para tratar disto (falando dos estágios) com celeridade e o devido cuidado, e também com a possibilidade de fazer sair do anonimato alguns processos que são até bastante importantes ... por exemplo a divulgação na imprensa, uma assinatura formal de estágio. Isto porque as empresas também têm interesses nesses aspetos. E eu acho que isso é pouco ... enfim, acontece, mas tende a acontecer de forma casuística, e fruto da inspiração do momento e de um investimento pessoal, e que nem sempre é possível. Falta aqui a profissionalização deste tipo de instrumento ... o que do meu ponto de vista é talvez das coisas mais relevantes da atividade dos alunos e do curso. (Orientador, Focus Group, IES1)

Se nós nos apercebermos de alguma coisa que está a correr mal, enfim que não está a correr muito bem ... o orientador fala com o orientador da empresa, tem uma conversa sobre o assunto. Vai à empresa e fala com ele. Não é uma prática corrente muito comum, porque [faz sinal com as mãos a dizer que não há dinheiro]. É o problema de sempre. [...] O acompanhamento in loco não pode ser feito, porque depois não há dinheiro para pagar as despesas. (Diretor de Curso, Focus Group, IES2)

Embora nem todos o façam entre colegas, (...) acho que é uma boa prática no primeiro dia levarmos os alunos às empresas. Porque depois nós distribuimos os estagiários entre nós, entre a equipa de quatro professores (...). Há um ou outro professor que depois acha que não temos obrigação de fazer isso, mas é uma boa prática. (Diretor de Departamento, entrevista individual, IES4)

5.3. Outputs e outcomes

No que respeita ao último objetivo de análise, foi possível identificar outputs positivos e negativos no que concerne à introdução dos estágios curriculares nos planos de estudos e o seu impacto no percurso formativo/profissional dos diplomados. Relativamente aos outputs positivos foram referidos os seguintes fatores: desenvolvimento de competências e acesso facilitado ao emprego (Tabela 13).

Tabela 13 – Avaliação do impacto dos estágios curriculares: outputs positivos

Desenvolvimento de competências	1. Os estudantes ganham mais maturidade e sentido de responsabilidade no local de estágio
	2. Os estudantes ficam mais próximos da realidade do trabalho
Acesso facilitado ao emprego	1. Muitos dos estudantes ficam a trabalhar nas instituições em que estagiam ou em instituições concorrentes

Os entrevistados referiram que a introdução dos estágios curriculares proporciona o desenvolvimento de competências, aumentando a

maturidade e o sentido de responsabilidade dos estudantes. A título ilustrativo transcrevem-se dois excertos das entrevistas:

(...) é precisamente o local de estágio que lhes dá essa [maturidade] na maioria das situações (...). Obviamente que há alunos que têm sentido de responsabilidade muito significativo, muito grande, mas quando não o têm até lá, adquirem-no precisamente no local de estágio. (Diretor de IES, Entrevista Individual, IES5)

Eu acho que o termos estágio e a experiência nesta empresa ou noutra qualquer, acaba por nos dar, por nos aproximar mais da realidade do trabalho aplicando os conhecimentos. E depois acaba por ser positivo pelo facto de nós conseguirmos estar mais próximo dessa mesma realidade. (Estudante, Focus Group, IES6)

Para além disso, os entrevistados também referiram que os estágios potenciam o acesso ao emprego, conforme ilustram as seguintes citações:

Nós temos experiência ... No primeiro lote houve um que ficou na empresa, logo, imediatamente. No segundo lote, agora, ficou uma; pelo menos. Na própria empresa. (Orientador, Focus Group, IES4)

Nos últimos três anos ... Em 2011/2012, diria que ficaram aproximadamente 25 por cento. Em 2012/2013, 50 por cento ... na mesma empresa ... com estágio profissional nalguns casos (...). Temos muitos casos que terminaram o estágio numa empresa e ficaram em empresas concorrentes. (Estudante, Focus Group, IES1)

Apesar de ser consensual que os estágios têm resultados positivos no percurso formativo dos estudantes, foram, ainda assim, referidos alguns pontos negativos, nomeadamente a visão dos estágios por parte das instituições como mão-de-obra 'gratuita':

Outro problema que eu acho que existe aqui é não confundirmos os estágios depois com trabalho gratuito. (Diretor de IES, Entrevista Individual, IES4)

Por fim, os entrevistados revelaram a inexistência de medição de outcomes em todas as IESIES, sendo, no entanto, reconhecida a importância e a necessidade de a mesma ser efetuada.

Científico não é. O que eu estou a dizer [sobre o sucesso dos estágios] (...) é a minha sensibilidade do que eu vou falando. (...) Agora, nunca contabilizei quantos é que me dizem isto e quantos é que me dizem aquilo. Ainda não fizemos esse estudo. Se calhar estará na altura de um dia fazermos para nós. (Diretor de IES, Entrevista Individual, IES4)

6. Conclusões e recomendações

As IES estão cada vez mais preocupadas com a inserção profissional dos licenciados e com o desenho de mecanismos institucionais que possam facilitar a transição dos estudantes do ensino superior para o mercado de trabalho, especialmente tendo em conta o contexto de escassez de recursos financeiros e do aumento da taxa de desemprego de licenciados. Esta preocupação encontra reflexos ao nível do discurso político e académico, que têm salientado a necessidade de (re)criar mecanismos que possam contribuir para a inserção dos licenciados no mercado de trabalho.

Uma das estratégias adotadas pelas IES foi a criação/ adaptação dos planos curriculares, introduzindo estágios. Este percurso das IES não foi acompanhado por estudos sistemáticos do impacto dos estágios curriculares na empregabilidade e nas competências dos licenciados. O trabalho desenvolvido neste estudo pretende colmatar esta lacuna.

Das 1158 licenciaturas estudadas, 48 por cento incluem algum tipo de estágio nos respetivos planos curriculares. Esta percentagem é bastante mais significativa no ensino superior politécnico, em que 65 por cento das licenciaturas incluem estágio, do que no ensino superior universitário, em que apenas 28 por cento os incluem. Essa percentagem é também maior no ensino superior privado, com 56 por cento das licenciaturas a incluírem estágio (no ensino superior público apenas 44 por cento das licenciaturas os integram).

De acordo com a perceção de atores-chave do ensino superior, as principais motivações para a introdução de estágios curriculares nas licenciaturas devem-se a fatores intrínsecos, relacionados com o desenvolvimento de competências dos estudantes e com a facilitação da respetiva transição para o mercado de trabalho, e a fatores extrínsecos, relacionados com pressões sociais e político-institucionais. Em qualquer caso, os diferentes *stakeholders* vêem a existência de estágios curriculares como globalmente positiva e potenciadora da captação de estudantes e da respetiva transição para o mercado de trabalho.

A percepção dos *stakeholders* quanto aos *outputs* dos estágios é coerente com as motivações intrínsecas antes apontadas: desenvolvimento de competências pelos estudantes e acesso facilitado ao emprego. Já quanto a *outcomes*, embora reconhecendo-se a importância da respetiva medição, a percepção generalizada é a de inexistência de dados a nível institucional, o que está em linha com a falta de dados a nível nacional.

Deste ponto de vista, e no que concerne exclusivamente a *outcomes* relacionados com a empregabilidade dos estudantes, o estudo apresentado é de relevância fulcral, sendo os resultados obtidos claros: no global, estatisticamente, a existência de estágios curriculares nos planos de estudos de uma licenciatura tende a reduzir as taxas de desemprego. Mantendo as restantes variáveis constantes, incluindo o impacto reputacional da instituição, o subsistema de ensino a que pertence, se é pública ou privada, e a área de formação curso, pode estimar-se que a inclusão de estágios em licenciaturas reduz as taxas de desemprego em cerca de 15 por cento.

Este impacto é especialmente relevante no subsistema de ensino superior politécnico, onde, mantendo todas as restantes variáveis constantes, se pode estimar que a inclusão de estágios nos planos de estudo reduz a taxa de desemprego entre os licenciados em 27 por cento. É, portanto, natural que seja precisamente neste subsistema de ensino que se consegue encontrar a maior percentagem de licenciaturas com estágios curriculares, indiciando que a percepção dos *stakeholders* se sustenta, embora não existindo até agora medições objetivas, num impacto efetivo dos estágios na melhoria da empregabilidade dos licenciados. Assim, é no subsistema com menores índices de empregabilidade que mais se nota a adoção de estágios como estratégia de fomento da empregabilidade e onde o impacto da sua existência é também maior.

Já no que respeita ao setor de ensino superior, os resultados mostram que a empregabilidade é menor no ensino superior privado, embora esse efeito seja maior no subsistema universitário do que no subsistema politécnico. Globalmente, das variáveis estudadas, os fatores que mais negativamente influenciam a empregabilidade dos licenciados são, por ordem decrescente de importância, a taxa de desemprego global da IES (eventualmente

relacionada com a reputação da instituição, ou com a falta dela), a pertença ao ensino superior privado, a taxa de desemprego global na área de estudos e a pertença ao subsistema de ensino superior politécnico.

A corroborar a conclusão de que os estágios curriculares são efetivamente relevantes do ponto de vista da empregabilidade dos licenciados está a evidência recolhida de que as licenciaturas com estágios obrigatórios tendem a ter menores taxas de desemprego do que as licenciaturas com estágios facultativos. Assim, globalmente, a natureza obrigatória dos estágios está associada a uma redução de 28 por cento da taxa de desemprego, quando se mantêm as restantes variáveis constantes.

Em relação ao formato dos estágios, a evidência recolhida aponta para um maior efeito na empregabilidade dos estágios faseados. Assim, estima-se que a existência de múltiplas experiências de estágio ao longo do plano de estudos reduz as taxas de desemprego dos diplomados em 37 por cento, mantendo-se as restantes variáveis constantes.

Apesar de os resultados indicarem que os estágios obrigatórios e os estágios faseados têm um maior impacto do ponto de vista da empregabilidade dos licenciados, constatou-se que essas práticas não existiam nas seis instituições incluídas no estudo qualitativo. Apesar disso, a percepção de que esses efeitos existem está presente quando se interrogam os orientadores académicos dessas instituições, o que corrobora a conclusão anterior.

As razões apontadas para que, nessas instituições, e apesar dessa percepção, se continuem a oferecer estágios únicos e facultativos relacionam-se essencialmente com as dificuldades logísticas associadas à organização de estágios faseados e à obrigatoriedade dos mesmos. Assim, as principais razões invocadas para que os estágios não sejam obrigatórios são a dificuldade em conseguir estágios para todos os estudantes e a salvaguarda da situação dos trabalhadores-estudantes. Já quanto aos estágios faseados, as principais dificuldades apontadas relacionam-se com a dificuldade em garantir locais de estágios para todos os anos curriculares e com a definição de tarefas específicas adaptadas a cada ano curricular.

Outras evidências recolhidas no que respeita à perceção dos *stakeholders* incluem a preferência dos empregadores por estágios de mais longa duração (superior a um semestre) e realizados em *full-time*, embora essas não fossem as práticas mais comuns nas instituições estudadas. As questões logísticas e de compatibilização com as regras subjacentes à construção dos planos de estudo foram as razões apontadas para a não existência de estágios mais longos.

De um ponto de vista geral, para que as dificuldades referidas possam ser ultrapassadas, os *stakeholders* consideraram relevante a existência de mais apoios e incentivos à realização de estágios curriculares, incluindo: a profissionalização de algumas funções associadas à preparação dos estágios, nomeadamente através da criação de gabinetes de apoio; a disponibilidade de recursos financeiros que permitam fazer face às despesas relacionadas com a realização dos mesmos, nomeadamente ao nível das deslocações, tanto de estudantes como de orientadores; e uma mais adequada contabilização no serviço docente do tempo efetivamente despendido com a orientação dos estágios.

Quanto a práticas de organização e funcionamento dos estágios, identificaram-se várias estratégias relacionadas com as formas de alocação dos estagiários às EA e com a avaliação dos estudantes, nomeadamente no que concerne à participação dos orientadores externos. No entanto, não tendo sido possível efetuar medições concretas dos *outcomes* de cada uma das abordagens utilizadas, esta permanece uma questão a desenvolver em estudos futuros.

Importa, ainda, referir que, de acordo com a perceção dos *stakeholders*, os benefícios da introdução de estágios curriculares extravasam os impactos específicos ao nível da aquisição de competências e empregabilidade futura por parte dos licenciados. Com efeito, recolheram-se evidências de que, ao fomentar uma maior ligação das IES com o tecido económico e social envolvente, existem também impactos ao nível de um melhor conhecimento das necessidades desse mesmo tecido, com reflexos potenciais na melhor adequação da formação oferecida e mesmo a outros níveis da missão do ensino superior, como a investigação aplicada, a transferência de conhecimento ou a prestação de serviços.

Das conclusões descritas é possível extrair algumas recomendações consideradas úteis tanto às IES como aos decisores políticos em matéria de ensino superior. Nos pontos seguintes sistematizam-se essas recomendações.

1. A introdução de estágios curriculares no primeiro ciclo do ensino superior contribui, em todo o sistema mas com especial incidência no subsistema politécnico, para a empregabilidade dos licenciados. Tem, além disso, contributos positivos ao nível das competências desenvolvidas pelos estudantes e ao nível da aproximação das instituições ao tecido económico e social. Assim, a primeira e principal recomendação que emana do presente estudo é que as IES devem fomentar a inclusão de estágios curriculares nos planos de estudo das suas licenciaturas, com especial pertinência no ensino superior politécnico.
2. Foi encontrada evidência de que nem todos os estágios são iguais, tendo do ponto de vista da empregabilidade como do desenvolvimento de competências por parte dos estudantes. Assim, as IES devem privilegiar os estágios obrigatórios e faseados ao longo do curso, como forma de potenciar o seu impacto. Mais, a decisão sobre os formatos a adotar deve ser baseada em reflexões sustentadas em princípios pedagógicos e na avaliação dos *outputs* e *outcomes* dos estágios, não devendo ser unicamente influenciada por constrangimentos logísticos (ser facultativo, porque não há dinheiro, ou ser único, porque menos trabalhoso).
3. A inclusão de estágios nas licenciaturas deve ser entendida institucionalmente como um desafio, com reflexos ao nível da criação de condições que permitam o seu bom funcionamento e a maximização do seu impacto e que incluem, nomeadamente, a criação de gabinetes de apoio profissionalizados, a disponibilidade de recursos financeiros adequados e a adequada contabilização da orientação dos estágios no serviço docente.
4. Os constrangimentos associados ao calendário escolar e à formatação dos planos de estudo colocam alguns desafios relevantes à introdução de estágios. Assim, é pertinente avaliar a possibilidade de flexibilização de algumas das regras estruturantes dos planos de estudo dos cursos de ensino superior, quer internas

quer externas às instituições, nomeadamente em termos de distribuição de ECTS, facilitando, por exemplo, a realização de estágios de maior duração e fora dos períodos letivos.

5. Apesar da crescente tendência de inclusão de estágios nos planos de estudo das licenciaturas, ainda não existe uma cultura de avaliação e monitorização do que está a ser feito no terreno, nem do impacto dos estágios a longo prazo. Com efeito, os indicadores de 'sucesso', de boas práticas e de produtos de estágio são tendencialmente 'dispersos' e 'não sistematizados'. Neste contexto, entende-se como pertinente a criação de um 'observatório' de estágios curriculares, com valências nas respetivas unidades orgânicas das IES.

Finalmente, o estudo apresentado produz informação nova que pode ser útil do ponto de vista da discussão atualmente em curso em Portugal sobre o sistema binário de ensino superior. Com efeito, num contexto em que se discute a importância da diferenciação de missões entre os subsistemas universitário e politécnico, o facto de a introdução de estágios ser especialmente pertinente para a empregabilidade dos licenciados do ensino superior politécnico pode ser importante para a reflexão em curso, contribuindo para colocar em prática os diferentes papéis normativos de universidades e politécnicos em Portugal.

Referências

- Allen, B. (2011). Helping students learn by experience. *Accounting Education News* 39(1): 10–11.
- Alpert, F., Heaney, J.G. & Kuhn, K.A.L. (2009). Internships in marketing: Goals, structures and assessment – Student, company and academic perspectives. *Australasian Marketing Journal*, 17(1), 36–45. doi:10.1016/j.ausmj.2009.01.003
- Alves, M. (2010). Ensino Superior e inserção profissional – uma análise comparativa de percursos de licenciados . <http://configuracoes.revues.org/175>: Centro de Investigação em Ciências Sociais.
- Amaral, A. & Carvalho, T. (2003). Autonomy and changes in Portuguese Higher Education. In A. Barblan (Ed.), *Academic freedom and university institutional responsibility in Portugal* (pp. 35-46). Italy: Bononia University Press.
- Arrow, K.J. (1973). Higher education as a filter. *Journal of Public Economics*, 2(3), 193-216.
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Englewood Cliffs, NJ, Prentice-Hall.
- Barr, T.F. & McNeilly, K.M. (2002). The value of students’ classroom experiences from the eyes of the recruiter: information, implications, and recommendations for marketing educators. *Journal of Marketing Education*, 24 (2), 168-173.
- Blackwell, A., Bowes, L. & Harvey, L. (2001). Transforming Work Experience In Higher Education. *British Educational Research Journal*, 27, versão online.
- Bowes, L. & Harvey, L. (1999). *The Impact of Sandwich Education on the Activities of Graduates Six Months Post- Graduation*. Birmingham: Centre for Research into Quality.

Brennan, J. & Little, B. (2006). Towards a strategy for workplace learning. Milton Keynes: Open University Centre for Higher Education Research and Information.

Bruner, J. (1961). The act of discovery. *Harvard Educational Review*, 31, 21-32.

Burke, J.B. & Johnstone, M. (2004). Access to higher education: the hope for democratic schooling. *Higher Education in Europe*, 29(1), pp. 19-32.

Cardoso, J.L., Escária, E., Ferreira, V.S., Madruga, P., Raimundo, A., & Varanda, M. (2012). *Empregabilidade e Ensino Superior em Portugal* (p. 122). Lisboa: A3ES.

Carless, S. (2007). Graduate recruitment and selection in Australia. *International Journal of Selection and Assessment*, 15(2), 153-166.

Comissão Europeia (2014). *Modernization of Higher Education in Europe: access, retention and employability*. Luxembourg: Office of the European Union.

Daniels, J. & Brooker, J. (2014). Student identity development in higher education: implications for graduate attributes and work-readiness. *Educational Research*, 56(1), 65–76. doi:10.1080/00131881.2013.874157

Dewey, J. (1938). *Experience & education*. New York: Macmillan.

García-Aracil, A. & Velden, R. (2007). Competencies for young European higher education graduates: labor market mismatches and their payoffs. *Higher Education*, 55(2), 219–239. doi:10.1007/s10734-006-9050-4.

Gault, J., Leach, E. & Duey, M. (2010). Effects of business internships on job marketability: the employers' perspective. *Education + Training*, 52(1), 76–88. doi:10.1108/00400911011017690

Harvey, L. (2001). Defining and Measuring Employability. *Quality in Higher Education*, 7, 97–109.

Harvey, L., Moon, S. & Geall, V. (1997). *Graduates' Work: Organisational change and students' attributes*. No Title. Birmingham: Centre for Research into Quality and Association of Graduate Recruiters.

Hergert, M. (2009). Student perceptions of the value of internships. *Business Education*, 2(8), 9-14.

Humburg, M. & Velden, R. Van Der. (2014). Skills and the graduate recruitment process : Evidence from two discrete choice experiments Skills and the graduate recruitment process : Evidence from two discrete choice experiments. Maastricht. Retrieved from www.roa.nl

Hursta, J.L. & Good, L.K. (2010). A 20-year evolution of internships: implications for retail interns, employers and educators. *The International Review of Retail, Distribution and Consumer Research*, 20, 75–86.

Jackson, D. (2014). Factors influencing job attainment in recent bachelor graduates: evidence from Australia. *Higher Education*, 68(1), 135-153.

Knemeyer, A.M. & Murphy, P.R. (2002). Logistics internships: Employer and student perspectives. *Journal of Physical Distribution & Logistics Management*, 32(2), 135–152.

Koichu, B. & Harel, G. (2007). Triadic Interaction in clinical task-based interviews with mathematics teachers. *Educational Studies in Mathematics*, 66, 349–371.

Little, B. (2006). *Employability and work based learning*. Learning and Employability Series I. York: The Higher Education Academy.

Marques, A. (2010). “Recrutamento e Gestão da transição de graduados: o olhar dos empregadores da região Norte” In A.P. Marques & Alves Inserção profissional de graduados em Portugal: (re)configurações teóricas e empíricas. Húmus. Vila Nova de Famalicão: Portugal.

Matthew, S., Taylor, R. & R. Ellis (2012). Relationships between students' experiences of learning in an undergraduate internship programme and new graduates' experiences of professional practice. *Higher Education*, 64(4), 529-542

Orrel, J. (2004). Work-integrated Learning Programmes: Management and Educational Quality. (A. O. P. P. of the A. U. Q. F. 2004, Ed.) Australian Universities Quality Forum.

Paulson, S. & Baker, H. (1999). An experiential approach to facilitate anticipatory socialization. *The International Journal of Organizational Analysis*, 7(4), 365-378.

Rabiee, F. (2007). Focus-group interview and data analysis. *Proceedings of the Nutrition Society*, 63(04), 655–660. doi:10.1079/PNS200439

Ryan, G., Toohey, S. & Hughes, C. (1996). The purpose, value and structure of the practicum in higher education: a literature review. *Higher Education*, 31(3), 355-377.

Stiwne, E. & Alves, M. (2010). Higher Education and Employability of Graduates: will Bologna make a difference? *European Educational Research Journal*, 9(1), 32-44.

Tavares, O. & Cardoso, S. (2013). Enrolment choices in Portuguese higher education: do students behave as rational consumers? *Higher Education*, 66(3), 297-309.

Teichler, U. (2009). *Higher Education and the world of work: conceptual frameworks, comparative perspectives and empirical findings*. Netherlands: Sense Publishers.

Teichler, U. (2011). Bologna – Motor or Stumbling Block for the Mobility and Employability of Graduates? In Ulrich Teichler and Harald Schomburg “Employability and Mobility of Bachelor Graduates in Europe Key Results of the Bologna Process”, Boston: Sense Publishers, 3- 43. Disponível em <http://www.forschungsnetzwerk.at/downloadpub/361-employability-and-mobility-of-bachelor-graduates-in-europe.pdf>.

Teixeira, P. & Amaral, A. (2001), Private Higher Education and Diversity: An Exploratory Survey. *Higher Education Quarterly*, 55(4), 359-395.

Thiel, G.R. & Hartley, N.T. (1997). Cooperative education: a natural synergy between business and academia. *SAM Advanced Management Journal*, 62(3), 19-24.

Tomlinson, M. (2008). The degree is not enough: students' perceptions of the role of higher education credentials for graduate work and employability. *British Journal of Sociology of Education*, 29(1), 49-61.

Trede, F. & McEven, C. (2015). Early workplace learning experience: what are the pedagogical possibilities beyond retention and employability. *Higher Education*, 69(1), 19-32.

Tynjälä, P. 2013. Toward a 3-P Model of Workplace Learning: a Literature Review. *Vocations and Learning* 6, no. 1: 11-36.

Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in society: The development of higher psychological processes*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Weible, R. (2009). Are universities reaping the available benefits internship programs offer? *Journal of Education for Business*, 85(2), 59-63.

Wilton, N. (2012). The impact of work placements on skills development and career outcomes for business and management graduates. *Studies in Higher Education*, 37(5), 603-620.

Yorke, M. & Knight, P. (2006). *Employability Embedding employability into the curriculum*. York, United Kingdom: The Higher Education Academy.

Anexos

Guião de Entrevista¹

Bloco Temático	Objetivos Específicos	Questões/subquestões/tópicos
...no plano de estudos do curso (em teoria)	- Legitimar a entrevista & Estabelecimento de um clima de confiança/empatia - Perceber qual a posição da licenciatura (em estágio) em relação à oferta formativa (restantes cursos) da IES e no próprio plano	- Identificar os principais objetivos do projeto POAT e contextualizar a entrevista no âmbito dos mesmos. Q1: A licenciatura X, e de acordo com o plano curricular, que tivemos oportunidade de consultar, apresenta um estágio curricular no seu plano de estudos. Pode descrever um pouco quais as motivações subjacentes à integração do(s) estágio(s) no plano de estudos do curso? Subquestões: confirmar a data de inserção de estágio no plano de estudos ² ; pedir para caracterizar globalmente o estágio (obrigatório/facultativo; duração de cada estágio; número de estágios ao longo da licenciatura; no caso de curso ter vários estágios (thin sandwich course) questionar se a sequência de estágios segue alguma lógica "pedagógica"; confirmar se outros cursos da IES tb têm estágios – política institucional ou motivações "departamentais"? Bolonha – teve influência no plano de estudos; nomeadamente a nível de EC? De que forma?
...enquanto experiência de ensino-aprendizagem (em ação)	- Caracterizar o funcionamento do estágio curricular enquanto experiência de ensino-aprendizagem (no presente e nos últimos anos – perspectiva longitudinal) - Perceber qual o feedback dos alunos relativamente aos estágios (qual o valor do estágio para os alunos)	Q2: Passando da "teoria" à efetiva implementação dos estágios na licenciatura em causa. Como é que se processa a dinâmica do estágio em si? Nomeadamente qual a duração dos estágios, em que empresas/instituições é que os alunos fazem estágio? Quantos alunos fazem estágio por ano letivo? Quais são as tarefas? Subquestões: Essa dinâmica tem sido a mesma ao longo dos anos? Quais as razões das alterações/caso a organização de estágio tenha sido sempre a mesma – questionar quais os fatores que contribuem para essa estabilidade? Existem aspetos que consideram que poderiam ser melhorados na atual organização dos estágios? Quais e porque?; Relação entre o plano de estudos e as tarefas do estágio.
O estágio curricular (EC)	- Caracterizar a relação de colaboração entre a IES e a empresa	Q3: Focando no estágio enquanto experiência de aprendizagem em contexto de trabalho. Quais são os principais objetivos de aprendizagem definidos para o estágio? Esses objetivos de aprendizagem são, regra geral, concretizados ao longo do estágio? Sim, não porque? Como é que o aluno é avaliado? Subquestões: existem estratégias de ensino-aprendizagem complementares relativamente às tarefas "off campus"? Os alunos elaboram algum relatório/portfólio?
... enquanto interface com as empresas		Q4: Qual é o feedback que tem recebido dos alunos relativamente aos estágios? Subquestões: Identificar diferenças entre as expectativas iniciais dos alunos e o balanço que eles fazem no final? Os alunos fazem sugestões? Quais?
Identificação e exploração de experiências de estágios de sucesso	- Identificar indicadores de qualidade num estágio curricular ³	Q5: A dinamização de estágios implica a colaboração com instituições parceiras "não académicas". Pode descrever um pouco como se processa essa articulação/comunicação com as empresas, nomeadamente se existe algum protocolo? Se decorrem reuniões (de supervisão) regulares entre os responsáveis? Subquestões: Com quantas empresas/instituições colaboram, desde quando, Perfila de más-valias e responsabilidade; Consegue identificar desafios/ventagens (pontos negativos e positivos) nessa colaboração?
Relação entre estágio e inserção no mercado laboral (stairway to employment?)	- Cruzar/validar os resultados obtidos do projeto POAT (fase quantitativa) com a perspectiva dos académicos - Obter informação relacionada com os itens anteriores e obter uma espécie de "validação interna".	Q6: Atendendo à sua experiência de realização de estágios nesta instituição, consegue identificar um ou dois casos específicos em que o balanço do estágio curricular tenha sido francamente positivo? Quais são as razões que o levaram a escolher esses casos? E pela negativa. Quer apresentar algum exemplo? (ter em atenção na resposta quem é o stakeholder principal: aluno, empresa, IES ou todos? Tentar complementar a resposta procurando que o entrevistado caracterize um estágio de sucesso na perspetiva dos outros stakeholders também) Q7: Vá alguma relação entre a realização de estágios curriculares e a empregabilidade dos licenciados. Em que se baseia essa sua perceção (Pressupostos teóricos, casos concretos, estudos realizados, por exemplo na sua IES)? Subquestões: elaborar questões como tempo de espera até obtenção de um emprego (formativa) e horizontal (curso/estágio e emprego); questionar se acredita que as empresas utilizam o estágio como critério de recrutamento ("academic belief"). Q8/Tarefa: No âmbito do projeto POAT, obtiveram-se os seguintes resultados (apresentar numa página com os resultados principais do POAT). Que comentários lhe suscitam estes resultados? - Verificar se não ficou alguma questão por colocar; Agradecer a disponibilidade; Perguntar se querem acrescentar mais algum aspeto à entrevista.

¹ Este guião serviu de orientação global. Procederam-se a adaptações metodológicas específicas para as entrevistas individuais e as entrevistas de grupo do tipo focus-group.

² A situação real pode ser diferente da situação levantada através da análise dos programas de estudo consultados através de Diário da República.

³ Possíveis categorias de análise à priori: A problemática da qualidade do emprego; mismatch, vertical/horizontal; tempo de espera para aceder a um emprego; tipo de contrato, ...